

Matou mais 51 palestinos em um só dia

Israel fez local para entregar farinha virar campo de extermínio

Marcelo Camargo - ABr



Lula: “Se nós não regularmos as plataformas digitais, estamos vulneráveis”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, no podcast “Mano a Mano”, apresentado pelo rapper Mano Brown e pela jornalista Semayat Oliveira, que o país tem que impedir que a internet brasileira se transforme numa terra sem lei. “Se não regularmos [as plataformas], estamos vulneráveis”, afirmou, defendendo um novo marco regulatório para combater a desinformação e o discurso de ódio fascista. **Pág. 3**



Usa fome como arma de guerra e chamariz para sua armadilha diabólica

Em um único dia, Terça-feira (24), mais 51 palestinos famintos foram mortos na fila à espera de comida – melhor dizendo, na fila por um saco de farinha – em Gaza, pelas tropas fascistas israelenses, informou a Al Jazeera. Todo dia, são dezenas de mortos por tiros e bombas israelenses nos pontos em que Israel anuncia que vai distribuir comida, após impedir por três meses a entrada de qualquer alimento para os 3 milhões de palestinos de Gaza. “Foi um massacre”, disse Ahmed Halawa, relatando que tanques e drones dispararam “mesmo quando estávamos fugindo”. **Pág. 6**

“Galípolo eleva gasto público em mais 195 bilhões”, afirma Oureiro



O Irã transformou o “escudo” de ferro israelense em uma peneira. Na foto, a refinaria Bazan, em Haifa, arde

Resistência do Irã pressionou Israel e EUA para o cessar-fogo

As agências de notícias do Irã e de Israel começaram a noticiar no meio da madrugada do dia 24 (hora local) que o bombardeio israelense contra Teerã havia cessado, e que, em contrapartida, as sa-

raivadas de mísseis iranianos – suplantando a “Peneira de Ferro” – contra bases, refinaria de Haifa, centros de pesquisa a serviço do regime de apartheid de Israel e bairros israelenses, também foram suspensas.

O telefonema de Trump ordenando a Netanyahu que parasse de bombardear o Irã aconteceu poucas horas depois do ataque a mísseis contra a base norte-americana de Al Udeid, no Catar, a maior dos

Estados Unidos em todo o Oriente Médio. O ataque norte-americano às usinas nucleares iranianas, na avaliação dos serviços de inteligência dos EUA, fracassou ao não provocar os danos pretendidos. **Página 7**

O economista e professor da UnB, José Luiz Oureiro, fez um cálculo simples, na quarta-feira (18), e chegou à conclusão que o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, elevou as despesas do Brasil com juros em mais R\$ 195 bilhões desde que assumiu o cargo no BC. O gasto total com juros nos últimos doze meses está na casa de um trilhão de reais. A conta do professor Oureiro é a seguinte: $Custo\ Galipolo = 1 + 1 + 1 + 0.5 + 0.25 = 3.75$ (Decisões de elevação da Selic tomadas por ele e sua equipe). Cada 1 p.p. na Selic é 52 bilhões de reais a mais que se gasta com juros. **Pág. 2**

Berzoini: “o BC virou sindicato dos rentistas”

O ex-ministro Ricardo Berzoini condenou a alta dos juros e criticou a atuação do Banco Central sob a direção de Gabriel Galípolo, sucessor do bolsonarista Campos Neto. Berzoini afirmou, em entrevista ao programa Fórum Onze e Meia, que o atual presidente do BC, Gabriel Galípolo, “está pior que o Campos Neto”. “BC decide contra quem trabalha, e a favor de quem vive de renda”, disse. **Página 3**

BC diz que vai manter por longo período o maior juro em 20 anos

A ata do Copom, divulgada na terça-feira (24), confirmou que o BC permanecerá com a Selic em 15% – a maior taxa em 20 anos – por um período “bastante prolongado” e que “não hesitará” em subir os juros novamente, em caso de o governo não ceder à agenda de cortes de investimentos públicos e reformas que reduzam ainda mais os direitos da população. **Página 2**

Ataque dos EUA ameaça mundo com catástrofe, condena a ONU

Assim que tomou conhecimento do ataque ordenado por Trump contra centrais nucleares do Irã, o secretário geral da ONU, António Guterres, condenou a agressão e alertou: “Há um grave risco de que este conflito saia do controle com catastróficas consequências para civis, para a região e o mundo”. “Estou gravemente alarmado pelo uso da força pelos EUA contra o Irã, hoje. Esta é uma perigosa escalada em uma região já no limite e uma direta ameaça à segurança e à paz mundial”, afirmou. **P. 7**

Tarcísio se enrola com bandeira de Israel em meio a genocídio em Gaza

Enquanto Israel segue com o extermínio da população em Gaza, o governador de SP, Tarcísio de Freitas, participou da “Marcha para Jesus” enrolado em uma bandeira de Israel, exaltando um Estado acusado de violar leis internacionais de guerra, promover massacres contra civis e ignorar sistematicamente os tratados e convenções humanitárias. Nada mais anti-cristão. **Pág. 4**

“Selic: a profecia do financismo”, por Paulo Kliass

Pág. 2

Selic: a profecia do financismo

“A combinação da política monetária arrochada de Galípolo com a política fiscal igualmente contracionista de Haddad só fazem trazer péssimas notícias para o projeto de reeleição de Lula em 2026”

PAULO KLIASS*

A reunião mais recente do Comitê de Política Monetária (COPOM) decidiu, mais uma vez, pelo aumento na taxa referencial de juros. De nada serviram os inúmeros apelos de amplos setores da sociedade – e mesmo no interior das classes dominantes – para que isso não acontecesse. Os nove integrantes do colegiado optaram por unanimidade pela elevação da SELIC para o patamar de 15% ao ano. Esta foi a sétima reunião consecutiva com aumentos na taxa. Na verdade, desde maio de 2006 que o Brasil não vivia sob uma taxa tão alta. Trata-se de um retrocesso de 19 anos, uma volta aos tristes tempos do austericídio do primeiro mandato de Lula, sob o comando de Antonio Palocci no Ministério da Fazenda e Henrique Meirelles no Banco Central (BC).

Todas as expectativas apresentadas pelo Presidente Lula quando da nomeação de Gabriel Galípolo para a Presidência do BC parecem ter escorrido pelo ralo. É importante recordarmos que o Chefe do Executivo convocou uma emissão especial em suas redes sociais para registrar sua confiança no nome sugerido a ele por Haddad para a nova função. Para tanto convocou a Ministra do Planejamento, o Ministro da Fazenda e o Ministro Chefe da Casa Civil para aparecerem como meros figurantes, enquanto Lula tecia longos elogios a Galípolo. Se antes valia a desculpa da herança maldita de Bolsonaro personificada na figura de Roberto Campos Neto para justificar as críticas públicas do Presidente da República às elevadas taxas de juros, a partir de janeiro de 2025 nada disso se sustenta mais.

Atualmente, sete dos nove membros da diretoria do BC foram nomeados por Lula. E, ao longo dos quatro encontros do COPOM realizados desde então, o colegiado comandado por Galípolo promoveu elevações da SELIC em todos eles. Em janeiro, houve um aumento de 1%, saindo de 12,25% para 13,25%. Em março, mais 1%, subindo a taxa para 14,25%. Em maio, nova elevação de 0,5% levando a SELIC ao patamar de 14,75%. E nesta reunião de junho, aumento de 0,25% e a taxa chegou a 15%. Ou seja, em pouco menos de 6 meses à frente do BC, Galípolo conseguiu realizar a “proeza” de promover uma elevação de 2,75 pontos percentuais na taxa. Isso significa que, apenas nestas quatro canetadas, o COPOM estabeleceu um aumento de despesas financeiras com juros da dívida pública da ordem de R\$ 220 bilhões ao longo dos próximos 12 meses.

Ora, para um governo que segue trilhando de forma obsessiva o caminho da austeridade fiscal cega, burra e surda, tal decisão beira o ridículo e a hipocrisia. Em nome de uma suposta expansão “irresponsável” dos gastos públicos, Haddad mantém a estratégia de reduzir as despesas primárias a todo o custo. Assim, o governo promove cortes e contingenciamentos em rubricas estratégicas e sensíveis como educação, previdência social, saúde, assistência social e tantas outras que dizem respeito às condições de vida da ampla maioria da base da nossa vergonhosa pirâmide da desigualdade social e econômica. No entanto, ao mesmo tempo, as despesas não primárias seguem em rota, esta sim, explosiva. Estamos nos aproximando da casa de R\$ 1 trilhão de despesas financeiras ao longo dos últimos 12 meses.

Ao optar pela SELIC em 15%, o COPOM sinaliza que é razoável que a sociedade e a economia brasileiras convivam em um ambiente de 10% de taxa real de juros. Afinal, esse é o resultado a que se chega depois de subtrair a inflação próxima a 5% do valor da taxa oficial. Com tal decisão, o Brasil se mantém dentre as economias de maior rentabilidade financeira real do mundo. Atualmente, somos ultrapassados apenas pela Turquia neste verdadeiro quesito da vergonha internacional.

Continua: <https://horadopovo.com.br/selic-a-profecia-do-financismo-por-paulo-kliass/>

*Paulo Kliass é doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal.

BC diz que vai manter por longo período maior juros em 20 anos

Foto: Lula Marques/Agência Brasil



Para Gabriel Galípolo, presidente do BC, mercado de trabalho, renda do trabalhador e investimentos estão muito “dinâmicos”

Enquanto orçamento é asfixiado, Galípolo eleva gastos em mais R\$ 195 bilhões, aponta Oreiro

Gasto total do governo com juros nos últimos doze meses está na casa de um trilhão de reais

O economista e professor da UnB José Luis Oreiro fez um cálculo simples nesta quarta-feira (18) e chegou à conclusão que o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, elevou as despesas do Brasil com juros em mais R\$ 195 bilhões desde que assumiu o cargo no BC.

O gasto total com juros nos últimos doze meses está na casa de um trilhão de reais.

A conta do professor Oreiro é a seguinte:

Custo Galípolo = 1 + 1 + 1 + 0,5 + 0,25 = 3,75 (Decisões de elevação da Selic tomadas por ele e sua equipe)

Cada 1 p.p. na Selic é 52 bilhões de reais a mais que se gasta com juros



Foto: Reprodução Youtube

Economista José Luis Oreiro

Então GG custou ... 195 bilhões de reais em 12 meses

Segundo Oreiro, Galípolo acabou de aumentar o custo de carregamento da dívida pública em quase 13 bilhões de reais no acumulado de 12 meses (uma referência ao

aumento de 0,25 p.p. na Selic decidido nesta quarta-feira).

“Enquanto isso o Ministério da Fazenda fica brigando com o Congresso por causa de 20 bilhões de reais”, destaca o professor. Ele conclui comentando que “esse país é uma piada”.

Alta da Selic é injustificada e vai sufocar a economia, afirma presidente da CNI

“Sem o início da redução da Selic, seguiremos penalizando a economia e os brasileiros. O cenário torna o investimento produtivo muito difícil no Brasil, com consequências graves para a economia”, alerta Ricardo Alban

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) manifestou, em nota, que a decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de aumentar a taxa básica de juros em 0,25 p.p., para 15% ao ano é “injustificada”. “Juros vão sufocar a economia”, alerta a entidade.

“Não lidávamos com um patamar tão alto desde 2006. A irracionalidade dos juros e da carga tributária já está sufocando a capacidade dos setores produtivos, que já lidam com um cenário conturbado e possibilidade de aumento de juros e custo de captação de crédito. E um contrassenso do Banco Central se manifestar contra o aumento do IOF enquanto decide aumentar a taxa de juros. Aonde se quer chegar?”, questiona Ricardo Alban, presidente da CNI.

De acordo com Alban, é preciso pensar em políticas de Estado, de longo prazo e sistêmicas. “Sem o início da redução da Selic, seguiremos penalizando a economia e os brasileiros. O cenário torna o investimento produtivo muito difícil no Brasil, com consequências graves para a economia”, reitera o presidente da CNI.

Para a CNI, ao menos cinco motivos justificariam a interrupção do ciclo de alta de juros pelo Banco Central: taxa de juros real crescente; crédito caro; economia em desaceleração; menor impulso fiscal; e sinais positivos da inflação.

Segundo a CNI, a taxa de juros real subiu para 9,8%, com o Brasil entre os países com as maiores taxas de juros real do mundo. “Não custa lembrar: a Selic está em campo contracionista há 41 meses”.



Ricardo Alban, presidente da CNI

Segundo o Banco Central, a taxa de juros média cobrada das empresas nas concessões de crédito, considerando as linhas com recursos livres, subiu de 20,6% a.a. em setembro de 2024, quando se iniciou o atual ciclo de altas na Selic, para 26% a.a., em abril de 2025. No mesmo período, a taxa média cobrada dos consumidores passou de 52,3% a.a. para 57,4% a.a.

“Do lado das empresas, os juros mais altos inviabilizam diversos projetos de investimento, essenciais para ampliar e modernizar a estrutura produtiva do país, e também aumentam o custo do capital de giro, essencial para o cotidiano das empresas”, avalia Alban. Do lado dos consumidores, os juros

mais altos limitam a compra de diversos bens, sobretudo os de maior valor, que dependem mais de financiamento.

A entidade alerta para a desaceleração da economia. “Com o crédito cada vez mais caro e menos acessível, a economia dá sinais de desaceleração, o que justifica as previsões de crescimento do PIB menores em 2025. Chama atenção a queda de 0,1% no PIB da indústria no primeiro trimestre de 2025 frente ao quarto trimestre de 2024, após oito trimestres de crescimento. Cabe destacar que a produção industrial cresceu apenas 0,1% em abril, segundo o IBGE, e que isso não foi suficiente para indicar reversão do quadro negativo do primeiro trimestre”.

Galípolo acenou com a possibilidade de parar de subir o juros, mas promete manter a segunda maior taxa de juros reais do mundo por um período “bastante prolongado”. Ou seja, para o BC, a asfixia ao país deve continuar

A ata do Conselho de Política Monetária do Banco Central (Copom), divulgada nesta terça-feira (24), confirmou que permanecerá com a Selic em 15% – a maior taxa em 20 anos – por um período “bastante prolongado” e que “não hesitará” em subir os juros novamente, em caso de o governo não ceder à agenda de cortes de investimentos públicos e reformas que reduzam ainda mais os direitos da população.

Na semana passada, contrariando praticamente todas as avaliações, o Copom decidiu elevar o nível da Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,75% para 15% ao ano, maior taxa desde julho de 2006. Assim, os juros reais no Brasil chegam a quase 10%. Esses níveis são considerados incompatíveis com investimentos produtivos e só servem para sufocar ainda mais a demanda por bens e serviços no país.

Na ata, o presidente da instituição, Gabriel Galípolo, afirma que o ciclo de aumento do juro base foi “rápido e bastante firme” e espera uma deterioração mais acentuada da atividade econômica nos próximos trimestres como efeito das “defasagens inerentes aos mecanismos de transmissão da política monetária”. Traduzindo para o bom português: o que Galípolo pretende é que a economia se retraia e o desemprego aumente.

“Em se confirmando o cenário esperado (retração da economia), o Comitê antecipa uma interrupção no ciclo de alta de juros para examinar os impactos acumulados do ajuste já realizado, ainda por serem observados”, diz Galípolo, no documento em que enfatiza que “os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e que não hesitará em prosseguir no ciclo de ajuste caso julgue apropriado”. Mais uma vez, o BC chantageia o governo e o país para que sejam feitos mais cortes sociais e nos investimentos.

Na ata, o chefe do BC voltou a reclamar que a economia segue apresen-

tando sinais de resistência ao aperto monetário, devido a pressões do mercado de trabalho e ações do governo que atenuam os efeitos negativos dos juros altos sobre a demanda. A desfaçatez é tamanha que a direção do BC não esconde que trabalha pela recessão

“No consumo, a resiliência pode estar relacionada ao próprio dinamismo do mercado de trabalho, que mantém a renda em ritmo de crescimento elevado, e o mercado de crédito, que tem apresentado inflexão, mas ainda está dinâmico. Para os dados mais recentes de atividade econômica, o processo de moderação de crescimento segue ocorrendo, embora de forma bastante gradual”, afirma o Galípolo. Ou seja, não pode haver nada de positivo para os investimentos ou para os trabalhadores, senão os bancos reclamam.

Por fim, o BC segue pressionando por “reformas” que visam enfraquecer o papel do Estado, os programas sociais e os investimentos produtivos. O presidente do BC avalia que o esmorecimento no esforço de reformas estruturais e disciplina fiscal e o aumento de crédito direcionado vem contribuindo para a desconfiança do mercado e defende que o governo Lula deve se ater a “construção da confiança necessária para definir o patamar apropriado de restrição monetária ao longo do tempo”. Como se vê na ata, para Galípolo, o governo deve “recuperar a confiança”, abandonando o povo e defendendo os banqueiros.

O presidente do BC não esconde que seu objetivo é asfixiar ainda mais o país. Ele afirma na ata que a confiança do mercado no governo “passa por assegurar que os canais de política monetária estejam desobstruídos e sem elementos mitigadores para sua ação”. Não pode mitigar o sofrimento do povo. Tem que garantir as centenas de bilhões do Orçamento para os bancos. Para ser mais preciso, este ano os gastos com juros devem atingir R\$ 1 trilhão.

Arrocho do BC mantém o Brasil entre os países com juros reais mais altos do mundo, diz Abimaq

Para a entidade da indústria de máquinas e equipamentos, aumento da Selic “intensifica a política monetária contracionista do Banco Central”

A Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos) afirmou, em nota divulgada na segunda-feira (23), que a decisão do Comitê de Política Econômica (Copom) de elevar a taxa básica de juros para 15% “intensifica a política monetária contracionista do Banco Central”. “Essa alta agrava ainda mais o encarecimento do crédito, mantendo o Brasil entre os países com juros reais mais altos do mundo”, ressalta a entidade.

O BC elevou a taxa Selic pela sétima vez consecutiva, desta vez em 0,25 ponto percentual, de 14,75% para 15% ao ano. O maior patamar desde julho de 2006, quando estava em 15,25% ao ano.

“Esse novo patamar de juros é injustificado, uma vez que os efeitos desinflationários já começaram a ser sentidos. Em um ambiente econômico marcado pela desaceleração do PIB

industrial, a persistência de uma Selic tão alta pode sufocar a retomada e minar a geração de empregos e renda, em segmentos com maior complexidade econômica. A tensão entre a necessidade de conter a inflação e a urgência de preservar o investimento industrial tem se mostrado especialmente crítica, com empresários sentindo na pele os efeitos cumulativos da alta do custo de capital de giro e para investimentos”, manifestou a entidade.

Nesta terça-feira (24), o Banco Central divulgou a ata do Copom que decidiu não só pela elevação do juro básico da economia em mais 0,25 ponto percentual, mas reafirmou, conforme manifestação do presidente da autarquia, Gabriel Galípolo, que o juro ficará nas alturas por um período “bastante prolongado”.

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP
HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua Mazzini, 177
Cambuci - CEP: 01528-000
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@gmail.com
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Maracanã - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hpri@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovo@yaho.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Lula em entrevista no podcast "Mano a Mano"

Lula: "se não regularmos as plataformas digitais, nós estamos vulneráveis"

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, no podcast "Mano a Mano", apresentado pelo rapper Mano Brown e pela jornalista Semayat Oliveira, que o país tem que impedir que a internet brasileira se transforme numa terra sem lei.

"Se não regularmos [as plataformas], estamos vulneráveis", afirmou, defendendo um novo marco regulatório para combater a desinformação e o discurso de ódio fascista. O episódio foi publicado na madrugada da quinta-feira (19) no Spotify.

O presidente disse que pretende disputar as eleições do ano que vem para derrotar a extrema-direita. Ele criticou duramente o que chamou de "destruição proposital" promovida pelo governo anterior. "De vez em quando eu olho para a destruição na Faixa de Gaza e fico imaginando o Brasil que encontramos. Não temos [tínhamos] mais Ministério do Trabalho, de Igualdade Racial, de Direitos Humanos, de Cultura. Foi uma destruição proposital", afirmou.

Ao falar sobre as prioridades do governo, o presidente anunciou que deve lançar, ainda neste mês, uma linha de crédito para reforma de moradias e outra para a compra de motos elétricas por entregadores de aplicativos. Prometeu ainda, até o fim do ano, incluir o gás de cozinha na cesta básica, o que permitiria, segundo ele, fornecer o produto gratuitamente a cerca de 17 milhões de famílias brasileiras.

Lula minimizou as pesquisas desfavoráveis sobre sua gestão. "Eu sempre acho que pesquisa é uma fotografia do momento", afirmou Lula, ao comentar os números desfavoráveis. "Até o segundo semestre deste ano, eu dizia para as pessoas: não há por que ainda terem a afirmação de que o governo está indo muito bem, porque a gente não está entregando as coisas que nós temos que entregar. Este é o ano da colheita. Nós vamos entregar".

Ele reconheceu dificuldades na implementação de suas propostas e disse que a correlação de forças no país não é boa. "Para que as pessoas compreendam, eu elegi 70 deputados do meu partido. O Congresso Nacional tem 513 deputados. É só analisar para saber que preciso fazer composições políticas para governar o país, senão não consigo", explicou, em resposta a uma pergunta da jornalista Semayat Oliveira.

O presidente admitiu que os escândalos do INSS contribuíram para a queda de sua popularidade, apontada por pesquisas recentes, e disse que os aposentados prejudicados serão ressarcidos. O anúncio foi feito na quarta-feira (18) durante transmissão ao vivo com o ministro da Advocacia-Geral da União (AGU), Jorge Messias, e o presidente do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Gilberto Waller Júnior. Segundo a Agência Gov, cerca de 3,2 milhões de beneficiários já declararam não reconhecer os descontos aplicados.

"O pagamento será feito ainda neste ano, de forma muito simplificada", afirmou Messias. "Todos serão ressarcidos igualmente no mesmo período. Não terá lista de priorização", reforçou. Já Gilberto Waller detalhou que o calendário será organizado em lotes quinzenais: "Em um único mês, dois lotes de beneficiários serão pagos".

No podcast, Lula defendeu a proposta do Ministério da Fazenda de elevar o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para setores altamente lucrativos da economia. "O IOF do [Fernando] Haddad não tem nada demais", afirmou o presidente, destacando que a ideia central da proposta é fazer justiça fiscal.

De acordo com Lula, há setores, como as apostas eletrônicas e as fintechs (empresas que usam tecnologia para oferecer serviços financeiros), que obtêm grandes lucros, mas pagam pouco imposto. "As bets pagam 12%, nós queremos que paguem 18%. Eles ganham bilhões e bilhões. Não querem pagar. As fintechs, hoje, são quase que uns bancos, não querem pagar. Então essa briga nós temos que fazer, gente, não dá para a gente ceder toda hora", declarou.

Juro a 15% é "indecente, proibitivo", diz líder do PT

O líder do PT na Câmara, deputado Lindbergh Farias (RJ), classificou a taxa de 15% como "indecente, proibitiva e que desestimula investimentos produtivos". O líder petista afirmou que "o crescimento da dívida não vem dos programas sociais, mas do pagamento de juros" exorbitantes.

Em rede social, Lindbergh acrescentou que o BC (Banco Central) deveria considerar o impacto fiscal dessa política monetária, vez que a alta dos juros eleva o custo da dívida pública.

A decisão foi tomada de forma unânime pelo Copom, e marcou, mais uma vez neste ano, a alta dos juros, que sobe desde setembro de 2024.

"O BC virou sindicato dos rentistas", diz ex-ministro



Agência Brasil

Berzoini foi ministro do Trabalho, da Previdência e das Relações Institucionais

Bolsonarismo é sinônimo de caos, destruição e tornar o Brasil 'bucha de canhão' de Trump

Qualquer cidadão que se dedique a observar atentamente o que ocorre hoje no mundo percebe que a humanidade está diante de uma grande encruzilhada. De um lado um grupo de países liderados pelos Estados Unidos, Israel e União Europeia tenta incendiar o planeta para tentar frear o seu próprio declínio e deter o fim inescapável de sua hegemonia. De outro se fortalece um conjunto de países, que se reúnem em torno do BRICS, que apontam um caminho de paz, de entendimento, de prosperidade comum e desenvolvimento justo para todos.

GUERRAS
Não há dúvida de que, se o bolsonarismo, uma corrente política de cunho fascista e, por isso mesmo, totalmente submissa e bajuladora aos ditames de Washington, estivesse, ou voltasse, ao poder no Brasil, não só completaria a destruição da economia do país, como faz Javier Milei, na Argentina, como também arrastaria o país para as aventuras agressivas, expansionistas e estúpidas dos falcões da guerra que pululam em torno de Donald Trump, de Benjamin Netanyahu e de alguns órfãos de Hitler saídos dos sarcófagos na Europa.

Um fato que reforça a bajulação citada acima é o comportamento do ex-deputado federal Eduardo Bolsonaro que abandonou o mandato, deixou o Brasil e foi morar com a família nos Estados Unidos assim que Donald Trump foi eleito. Ele mesmo admite que foi para os EUA para ficar mais perto de seu guru e não esconde que sua missão lá é conspirar abertamente contra o Brasil.

O filho do golpista-mor brasileiro trabalha incessantemente para que o governo dos EUA imponha sanções econômicas contra o Brasil. Trabalha pelos EUA e contra o Brasil. Nunca se viu um caso de traição nacional de tamanha desfaçatez e tão escandalosa como a que é praticada hoje pelo filho de Jair Bolsonaro.

Recentemente, o "bananinha", como ele é conhecido por aqui, serviu de agente dos órgãos de espionagem americano e trabalhou para que uma delegação da Casa Branca tivesse sucesso em forçar o Brasil a mudar o status dos criminosos de facções criminosas para a condição de "criminosos políticos". Os EUA queriam caracterizar o Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC) como "organizações terroristas".

PRETEXTO
Ora, não tem o menor cabimento em dar motivos políticos para criminosos que traficam, roubam e matam para enriquecer. Não há objetivos políticos na atuação desses bandidos. Além de discordar em dar status políticos a eles, o

governo brasileiro deixou claro que sabe perfeitamente o que os EUA querem com isso. É que eles possuem uma lei interna deles que permite a invasão de territórios alheios a pretexto de combater "organizações terroristas". Essa é a malandragem da Casa Branca.

Ou seja, isso não passa de uma manobra para permitir que os EUA possam invadir o Brasil quando bem entenderem. É isso o que o "bananinha" queria. Certamente não é este o caminho que o Brasil deve seguir.

O Brasil (o B da sigla BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) tem na crise dos países do G7 uma grande oportunidade para sair da estagnação econômica e se desenvolver aceleradamente. Com o fortalecimento do BRICS, o país ganha muito mais margens de manobras em suas relações econômicas com os demais países do mundo.

Os EUA, que sempre dominaram o Brasil, não tem nada a oferecer ao Brasil hoje a não ser ameaças, guerras, tarifas e sanções. Donald Trump praticamente declarou guerra ao mundo inteiro com suas tarifas estratosféricas. E, apesar da arrogância, eles não estão tendo sucesso. Os EUA já não está com essa bola toda. Trump teve que recuar.

O governo brasileiro atual, que afastou o bolsonarismo do poder e iniciou a reconstrução nacional, parece ainda não ter percebido inteiramente todo esse espaço que se abriu para o país com a crise do império. A oportunidade de crescer e se desenvolver rapidamente e de forma independente ainda não está sendo aproveitada. Por isso o Brasil ainda não deslançou. As velhas amarras neoliberais, sintetizadas nos juros proibitivos do Banco Central e na ditadura fiscalista de Fernando Haddad, ainda impedem o país de crescer adequadamente.

INDECISÃO
Essas amarras impedem também que Lula cumpra seu programa de fazer o Brasil crescer num ritmo de "40 anos em 4", como era o seu lema da campanha. Este fato é um entrave e abre espaços para a volta da demagogia bolsonarista.

É importante frisar. O bolsonarismo, em qualquer uma de suas faces, é a destruição mais radical da economia brasileira e do país como nação próspera e independente. O que eles querem de fato é transformar o Brasil num país atrasado e caudatário da tragédia econômica decadente dos EUA.

O bolsonarismo já demonstrou isso em sua primeira passagem pelo Planalto. Devastaram os instrumentos de planejamento do Estado, atacaram a Previdência Social e os direitos trabalhistas. Esquartejaram a Petrobrás e

venderam-na aos pedaços (refinarias, gasodutos, rede de distribuição, etc.). Por fim, no apagar das luzes do governo, entregaram a Eletrobrás, a maior empresa de energia da América Latina, para operadores inescrupulosos de fundos especulativos. O "mito" queria até entregar a Amazônia para o bilionário Elon Musk.

Se deixasse, Bolsonaro transformaria o Brasil no quinquagésimo primeiro estado americano. Ele certamente se comportaria como seu homólogo do fascismo argentino, que trocou a moeda argentina pelo dólar, abriu o país para bases militares americanas, se ofereceu para ajudar nas agressões no Oriente Médio e, na última reunião da ONU, votou com os EUA, Israel e mais nove países a favor do genocídio da população palestina na Faixa de Gaza. Só 12 países votaram a favor do genocídio, entre eles a Argentina, e 149 votaram contra.

APOIO
O bolsonarista Tarcísio de Freitas foi outro que mostrou sua verdadeira face neste feriado de Corpus Christi. Ele se enrolou na bandeira da ditadura israelense na última quinta-feira (19) e desfilou pelas ruas de São Paulo. Fez isso exatamente no mesmo dia em que as tropas israelenses fuzilavam mulheres e crianças nas filas de comida na Faixa de Gaza e caças israelenses bombardeavam usinas nucleares iranianas, colocando o mundo em risco de uma catástrofe nuclear sem precedentes. Uma submissão inaceitável.

Eles são demagogia pura. Se aproveitam do sofrimento da população para enganar-la. Os seguidores de Bolsonaro mentem descaradamente. Falam em patriotismo, mas o que defendem na verdade é a entrega do país aos gringos, a escravidão do povo e o fim de seus direitos.

É só se deter na fala, neste sábado (21), de um dos integrantes do governo Bolsonaro sobre quais eram os planos de seu governo para o país. "Adotou-se em nosso governo uma estratégia econômica baseada em 2 pilares: consolidação fiscal com redução de gastos públicos e reformas pró-mercado", disse, neste sábado (21), o ex-ministro de Minas e Energia de Bolsonaro, Adolfo Sachsida.

As "metas" do governo, segundo ele, não eram de desenvolvimento, de criação de novas empresas e aumento da produção e dos empregos, mas sim de quantas empresas públicas deveriam ser vendidas para grupos estrangeiros e quanto se arrecadaria com os leilões. "Mais de um terço das empresas estatais federais foram vendidas ou fechadas, obtendo-se uma arrecadação superior à de todo o período de 1980 a 2018", comemorou Sachsida.

SÉRGIO CRUZ

"Galpólo está pior que Campos Neto", afirma Ricardo Berzoini. "BC decide contra quem trabalha e a favor de quem vive de renda", afirmou o ex-ministro

O ex-ministro Ricardo Berzoini condenou a alta dos juros e criticou a atuação do Banco Central sob a direção de Gabriel Galpólo, sucessor do bolsonarista Campos Neto.

Berzoini afirmou, em entrevista ao programa Fórum Onze e Meia, que o atual presidente do BC, Gabriel Galpólo, "está pior que o Campos Neto".

O ex-ministro declarou, ainda, que o "Banco Central virou o sindicato dos rentistas. Decide contra quem trabalha e a favor de quem vive de renda".

Berzoini foi ministro do Trabalho, das Comunicações, da Previdência Social e das secretarias de Relações Institucionais e de Governo durante os governos Lula e Dilma Rousseff. Antes foi deputado federal e por muitos anos presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região.

Ele defendeu uma imediata revisão da meta de inflação pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), composto por Fernando Haddad, Simone Tebet e o próprio Galpólo.

O ex-ministro considera que a atual meta de inflação, fixada pelo CMN, é "inexequível" e serve apenas como justificativa para manter a taxa Selic em níveis estratosféricos.

"BC, sequestrado pelos banqueiros, joga contra o país!", afirma Orlando Silva

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) criticou duramente o Banco Central por "subir pela 7ª vez a taxa Selic".

"Chega de sabotagem!", "Fora sabotadores do BC!", escreveu o deputado em sua rede social. O parlamentar afirmou que "não há justificativa" para elevar a taxa juros de 14,75% para 15%. "A maior taxa desde 2006", observou.

"O BC, sequestrado pelos banqueiros, é inimigo do povo e joga contra o país!", enfatizou o parlamentar do PCdoB.

Orlando defendeu que é "urgente retomar o controle da política monetária para a construção de um projeto de desenvolvimento nacional".

Para o deputado, "não há justificativa! O Brasil está crescendo, gerando emprego, a inflação está cedendo".

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) criticou mais uma elevação dos juros pelo Comitê de Política Monetária (Copom).

Em nota divulgada logo após a reunião do comitê do Banco Central, a entidade afirma que elevar a Selic ao maior patamar dos últimos 20 anos é um desastre para a economia do país.

"A Firjan considera inadmissível a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de elevar novamente a Selic, de 14,75% para 15,0% ao ano, maior patamar em quase 20 anos. Cada nova elevação da taxa de juros é um golpe adicional na capacidade de produção e de o país de crescer de forma sustentável" diz a nota.

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) criticou mais uma elevação dos juros pelo Comitê de Política Monetária (Copom).

Em nota divulgada logo após a reunião do comitê do Banco Central, a entidade afirma que elevar a Selic ao maior patamar dos últimos 20 anos é um desastre para a economia do país.

"Estamos com uma inflação de cerca de 4,5% e juros reais perto de 10%. Isso não existe no mundo. Só no Brasil", criticou. E como uma dieta inalcançável, comparou. "E como quer emagrecer 30 quilos quando só dá para perder 10. A culpa não é da balança, é da meta", disse.

Berzoini denuncia que a política do Banco Central é um obstáculo ao desenvolvimento do país. "O Tesouro Direto está pagando 15% ao ano. Só perde para o tráfico de drogas e pedágio em São Paulo".

O ex-ministro adverte que o governo está sendo castigado por causa desse cenário em que só os rentistas se dão bem e a população paga um alto preço. "Quando era o Campos Neto, o PT criticava. Agora, com Galpólo, reina o silêncio. Isso é incoerente", criticou. "Não dá para engolir erro calado só porque o governo é nosso", acrescentou.

Na quarta-feira (18), o Comitê de Política Monetária (Copom) do BC elevou a taxa Selic de 14,75% para 15%, tornando o Brasil o segundo maior do mundo em juros reais (descontada a inflação).

"Eu teria feito a mesma coisa", disse Campos Neto, ex-presidente do BC, ao site g1, elogiando Gabriel Galpólo.

Bolsonaro aplaude a agressão ao Irã e o genocídio de Netanyahu em Gaza

Jair Bolsonaro (PL), réu por tentativa de golpe de Estado – que seria seguido de assassinatos de autoridades brasileiras –, publicou no domingo (22), em suas redes sociais, uma montagem de fotos para mostrar total apoio e bajulação a Donald Trump, depois que este desrespeitou a legislação internacional e bombardeou as instalações nucleares do Irã.

O serviço fez o mesmo em relação ao ditador israelense, Benjamin Netanyahu, que já assassinou com bombardeios mais de 60 mil civis, na maioria mulheres e crianças, na Faixa de Gaza.

Esta aí uma comprovação mais do que evidente de que o bolsonarismo não se preocupa com a paz, muito menos com os interesses estratégicos do Brasil. O golpista-mor despreza as aflições da população brasileira e, se pudesse, arrastaria o país a reboque dessas guerras imperialistas, na condição de bucha de canhão dos Estados Unidos e de Israel.

Enquanto o mundo inteiro, inclusive o governo brasileiro, condena o flagrante desrespeito às leis internacionais, a escalada da guerra por Donald Trump e o genocídio israelense em Gaza, Bolsonaro aplaude e diz que apoia todo esse morticínio.

No sábado (21), Eduardo Bolsonaro, o filho 03 do réu, que esta inelégível, também

apoiou o ataque ilegal dos EUA ao Irã. O "bananinha", como o 03 é conhecido no Brasil, abandonou o mandato com a família para ficar mais perto de seu guru, Donald Trump. Desde que chegou aos EUA, ele não faz outra coisa a não ser conspirar contra o Brasil. Vive pedindo ao governo Trump para impôr sanções ao Brasil.

Foi exatamente ele que aplaudiu o criminoso ataque ao Irã. "Paz não se conquista com ingenuidade, pacifismo acima de todas as consequências ou desarmamento. Melhor modelo é o do secular império romano: 'si vis pacem, para bellum' (se quer paz, prepare-se para a guerra)", disse o ex-deputado.

Esses fatos derrubam a máscara do "mito" e seus seguidores. Eles se fantasiam de "verde-e-amarelo", se dizem patriotas, mas, na verdade, não passam de capachos que dizem "sim senhor" para tudo que os EUA querem. Como no caso em que Trump atacou o Brasil taxando o aço nacional. Bolsonaro apoiou e disse que se fosse ele, faria o mesmo.

Não por acaso, o "réu golpista" vivia batendo continência para a bandeira americana. Sem esquecer que, frequentemente, ele também se enrolava na bandeira do regime genocida de Israel, assim como fez recentemente, no Dia da Marcha por Jesus, o governador de São Paulo.

Tarcísio se enrola na bandeira de Israel em meio ao genocídio de palestinos

Governador de São Paulo celebrou seus 50 anos ao som de louvores na Marcha para Jesus em cima de um trio elétrico, cercado por bandeiras de Israel

Enquanto o governo de Israel segue com uma política de extermínio da população palestina que já matou mais de 65 mil pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, em Gaza, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, participou da Marcha para Jesus enrolado em uma bandeira de Israel, exaltando um Estado acusado de violar leis internacionais de guerra, promover massacres contra civis e ignorar sistematicamente os tratados e convenções humanitárias.

Durante a 33ª edição do evento religioso, realizada na capital paulista nesta quinta-feira (19), Tarcísio celebrou seus 50 anos ao som do louvor "1.000 graus", em cima de um trio elétrico, cercado por bandeiras de Israel, também empunhadas pelo prefeito Ricardo Nunes. A marcha também contou com a presença de figuras políticas como o ministro do STF André Mendonça, o presidente da Alesp, André do Prado, e o presidente do PSD, Gilberto Kassab.

MASSACRE DE PALESTINOS

Enquanto Tarcísio fazia discursos sob o manto da bandeira do Estado genocida, Gaza vivia mais um dia de horror. Segundo a Defesa Civil local, ao menos 72 palestinos foram mortos nesta quinta-feira, incluindo 21 que esperavam por ajuda humanitária na fila da fome organizada pelo regime sionista.

Os ataques ocorreram em Jan Yunis, no sul, no corredor de Netzarim, e em vários pontos no norte da Faixa. Entre os mortos, havia pessoas atingidas enquanto esperavam comida, prática recorrente nos bombardeios israelenses. As mortes foram causadas por tanques, aviões e drones, segundo relatos de testemunhas.

FALSOS PROFETAS

Mesmo diante das denúncias de genocídio e dos apelos da ONU sobre o risco de fome em massa em Gaza, os organizadores da Marcha para Jesus distribuíram milhares de bandeiras de Israel ainda na estação de metrô Tiradentes tentando vender para os

seguidores das religiões protestantes a ideia de que o governo genocida de Benjamin Netanyahu é o representante legítimo do povo escolhido citado na Bíblia.

Ao lado de Tarcísio, Cláudio Lottenberg, presidente da Confederação Israelita Brasileira, afirmou: "Esse povo que tá aqui tá emocionando. Essa identidade com Israel, o Estado que é referência, que luta por todos nós. Esse Estado que luta pela sobrevivência, que luta contra o terrorismo. Nós, judeus, estamos muito emocionados de estar aqui mais esse ano, por viver, vibrar e apoiar. E viva Israel!"

Nas palavras de Lottenberg, o genocídio em curso é convertido em "luta contra o terrorismo", apagando o massacre de civis e o cerco imposto por Israel desde o início da guerra em outubro de 2023. Até a ONU já declarou que o bloqueio imposto por Tel Aviv à Faixa de Gaza criou uma catástrofe humanitária, agravada com a atuação da controversa GHF (Fundação Humanitária de Gaza), que opera centros de ajuda com apoio de Estados Unidos e Israel, também alvo de críticas e denúncias por parte de agências internacionais.

Enquanto a ajuda humanitária vira alvo de bombas, Tarcísio e outras autoridades desfilam lado a lado com símbolos de um regime cada vez mais isolado e questionado no cenário internacional. Israel continua violando os princípios básicos do direito internacional humanitário, enquanto recebe apoio político em solo brasileiro em plena marcha religiosa.

RESISTÊNCIA

Uma personagem se destacou durante a Marcha. A dona de casa Marta Batista, 61 anos, foi à Marcha para Jesus com uma bandeira da Palestina.

"Como evangélica, não aceito a política de eliminação de [Benjamin] Netanyahu [primeiro-ministro de Israel]", disse Marta. Ela afirmou ter sido criticada por algumas pessoas, mas se manteve na marcha durante a passagem dos 7 carros de som.



Paulo Pinto/Agência Brasil

Enquanto Tarcísio fazia discursos sob o manto da bandeira do Estado genocida, Gaza vivia mais um dia de horror com o massacre de famintos



Reprodução

Marta Batista participou da Marcha empunhando a bandeira da Palestina

Enchentes voltam a ameaçar Porto Alegre enquanto Melo só pensa em privatizar DMAE

As fortes chuvas que atingem o Rio Grande do Sul ao longo desta semana geram um aumento no nível do Guaíba e, com isso, as enchentes podem retornar à capital Porto Alegre. Segundo o MetSul, no final da tarde da última quinta (19), o Guaíba alcançou a marca de dois metros em um ponto de medição no Cais Central da Avenida Mauá, referência na medição de enchentes em Porto Alegre há 150 anos.

De acordo com a entidade, o aumento no Guaíba é resultado da chegada do volume de água vindo dos rios Jacuí e Taquari, o que pode ser agravado, neste sábado, pelos ventos na Lagoa dos Patos, que geram ressaqueamento e podem resultar em um aumento mais rápido do nível do Guaíba.

Ainda conforme a Defesa Civil de Porto Alegre, considerando a precipitação acumulada dos últimos dias em afluentes do Guaíba, a previsão é que o nível das águas cheguem próximo da cota de alerta no centro da cidade e atinja a cota de inundação no Extremo-Sul.

O órgão emitiu novo alerta climático para a possibilidade de acumulados de até 40mm na Capital nesta sexta-feira (20). Há, ainda, risco hidrológico e de deslizamentos para regiões ribeirinhas, especialmente no bairro Arquipélago.

SEM PREPARO

Mesmo depois de um ano, quando as águas que devastaram cidades do interior do Rio Grande do Sul inundaram Porto Alegre em níveis jamais vistos, o sistema de proteção contra enchentes da cidade falhou. Ao todo, 46 bairros ficaram inundados e mais de 157 mil pessoas foram atingidas. Um ano depois, a cidade segue vulnerável e moradores atingidos pedem para não serem esquecidos.

O sistema de proteção da cidade conta com 64 quilômetros de diques e muros, 23 casas de bombas de drenagem e 14 comportas. Sem manutenção, não foi capaz de conter os alagamentos. Agora, em 2025, o sistema não está funcionando.

As casas de bombas seguem aguardando uma reforma definitiva. Quem passa ao lado da rodovia que serve como dique vê comportas quebradas ou caídas no chão. Outras comportas foram cimentadas, contra a recomendação de especialistas. A prefeitura afirma que investirá R\$ 11 milhões em obras, mas por enquanto,



Prefeitura se omitiu novamente na prevenção dos alagamentos ao longo do Rio Guaíba

pouca coisa saiu do papel.

Uma das medidas adotadas pelo prefeito Sebastião Melho (MDB) é o uso de sacos de areia que já podem ser vistos espalhados pelos armazéns do Cais Mauá, em Porto Alegre, na manhã desta sexta. Conforme a prefeitura da cidade, a medida é preventiva, e eles serão usados caso necessário.

Na enchente de 2024, os sacos foram utilizados para o fechamento das comportas. Chamados de "bags" e dispostos em fileiras, os sacos de areia pesam entre 800 kg e 1 tonelada. Foram colocados entre 50 e 80 deles para o fechamento das comportas 3 e 14 no ano passado.

O nível do Guaíba segue subindo, mas se mantém abaixo da cota de inundação, que é de 3 metros. Por volta das 9h, a água chegava a 2,24 metros na régua do Cais Mauá, na Capital.

SUCATEAMENTO DMAE

O vereador Oliboni (PT) denunciou em suas redes sociais os alagamentos e a ameaça do prefeito Sebastião Melo (MDB) para privatizar o Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE).

A ação de privatizar é uma de suas promessas de campanha desde 2020 e se torna uma realidade cada vez mais próxima. Isso porque o projeto de lei 28/2025, que autoriza essa concessão parcial de serviços do DMAE, foi protocolado em maio, em reunião no salão nobre da Câmara dos Vereadores que contou com a presença de nomes como Melo e o diretor-presidente da autarquia, Bruno Vanuzzi, que é especialista em concessões e Parcerias Público Privadas (PPPs).

"Mais de um ano após a enchente de maio e Porto Alegre continua alagando! Isso não é mais tragédia, é abandono. A prefeitura nada fez pra evitar

O governo Melo só pensa em entregar o DMAE pra iniciativa privada, enquanto o povo perde tudo pra chuva".

O processo de sucateamento do Dmae não é novidade do mandato de Melo, e vem acontecendo de forma gradual. A extinção do Departamento de Esgotos Pluviais (DEP) foi um dos primeiros sinais. O repartimento deixou de existir em 2017, por denúncias de corrupção. A partir desse momento, as funções foram transferidas para o Dmae.

A queda da força de trabalho, uma das razões para a criação da CPI do Dmae, é outro indicativo: em 2015, eram 2.115 funcionários. Hoje são 1.448, número que inclui 58 antigos funcionários realocados do extinto DEP. Dos cargos do Dmae, há atualmente mais vagas do que ocupados: são mil posições preenchidas e 2.632 em aberto, de acordo com a edição mais recente dos Dados Gerais do Dmae, divulgados em 2023. Para o cargo de instalador hidrossanitário, por exemplo, apenas 99 das 450 vagas estão ocupadas.

O investimento em água e esgoto começou a cair drasticamente durante o governo de Nelson Marchezan Júnior (PSDB), que governou Porto Alegre entre 2017 e 2021. Em março de 2023, uma auditoria do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul (TCE-RS), feita pela Diretoria de Controle e Fiscalização, apontou que o tucano precarizou a atuação do Dmae, causando prejuízos de no mínimo R\$ 85 milhões, sendo R\$ 37 milhões apenas entre 2017 e 2018, ao interferir para impedir a contratação de servidores necessários para os serviços de água e esgoto na capital gaúcha.



Agência Brasil

"Déficit zero engessou a capacidade de investimento do governo"

"Sou terminantemente contra qualquer corte na educação", diz ministro Camilo Santana

O ministro da Educação, Camilo Santana, defendeu que a pasta deve ser prioridade para investimentos de forma a garantir a universalização do Pé-de-Meia e a expansão do ensino em tempo integral.

"Sou terminantemente contra qualquer corte em educação", afirmou o ministro em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo.

"Acho que o governo não deveria ter proposto déficit zero logo no primeiro ano. Isso amarrou, engessou a capacidade de investimento do governo. Poderíamos ter estabelecido uma transição, mas há reformas importantes que precisam ser feitas", acrescentou.

Santana falou que "para o governo atender a demandas sociais e fazer investimento precisa ter equilíbrio fiscal", mas avalia que esse debate precisa ser mais profundo.

"O Brasil é um país muito desigual e a concentração de renda é muito grande. Então, quem tem mais precisa pagar mais. A grande justiça tributária precisa ser feita", argumentou. Além disso, "são R\$ 800 bilhões de subsídios. E mais dinheiro do que os orçamentos dos Ministérios da Educação, da Saúde, do Desenvolvimento Social".

Para Camilo Santana, que foi governador do Ceará por dois mandatos, as emendas parlamentares deveriam funcionar através das prioridades apontadas pelo governo federal. "Quem foi eleito para governar o país foi o presidente, a partir de propostas que foram apresentadas à população", lembrou.

"O crescimento das emendas foi uma coisa... Eram R\$ 8 bilhões, hoje são mais de R\$ 50 bilhões. E a gente manda o orçamento para o Congresso, já com restrições, e ainda cortam. Como cortaram quase R\$ 3 bilhões neste ano [do MEC]. Isso mexe com os objetivos e resultados", continuou.

O ministro avalia que o Congresso Nacional tem responsabilidade sobre o orçamento da Educação. "Eu falei isso no Congresso. A gente fala tanto da importância da saúde, que a educação é o grande caminho para o país, mas se corta e não prioriza", disse.

"Por que eu não estabeleço que parte das emendas vá para a educação? E que vá para dentro dos programas, para alfabetizar as crianças, para garantir tempo integral, para garantir o Pé-de-Meia e universalizá-lo para todos os jovens", afirmou.

O Pé-de-Meia, lançado em 2023, é "um dos instrumentos" para diminuir a evasão escolar, mas que o estado precisa garantir "uma escola que acolha o aluno, com infraestrutura, internet" e com bons professores para que a evasão escolar diminua ainda mais.

O ministro da Educação disse que a maior política que deve ser implementada no Brasil é da expansão da escola de tempo integral, que hoje é limitada pelo orçamento. O mesmo ocorre com a maior implementação do ensino técnico no país.

"O ensino técnico e o integral custam mais caro. Estudante tem de se alimentar, ter mais professores, laboratório. Não se faz só com boa vontade, precisa ter condições", relatou.

"O grande desafio está na educação básica, e essa foi a orientação do presidente. Quando um terço da população não conclui a educação básica, é um prejuízo para um país. Do ponto de vista social e econômico", disse.

"O nosso objetivo é melhorar os indicadores e tem a questão de qualidade dos professores, aprendizagem, permanência e equidade. Se você analisar todas as nossas políticas, estão focadas nesse sentido. Quando a gente cria o Compromisso da Criação Alfabetizada, o programa de escola de tempo integral. O tempo integral é a maior política que este país pode fazer, e com impacto na segurança pública", concluiu.

Juliana Marins é encontrada morta quatro dias após cair em trilha de vulcão na Indonésia

Na manhã desta terça-feira (24), Juliana Marins, a brasileira de 26 anos que no sábado (21) caiu em um penhasco na trilha do Monte Rinjani, na Indonésia, foi encontrada morta. A informação foi compartilhada pela família neste 4º dia de buscas.

"Hoje, a equipe de resgate conseguiu chegar até o local onde Juliana Marins estava. Com imensa tristeza, informamos que ela não resistiu. Seguimos muito gratos por todas as orações, mensagens de carinho e apoio que temos recebido."

Mais cedo, os socorristas chegaram a montar um acampamento avançado perto de onde ela estava no parque nacional. O time de socorristas teve de descer o equivalente a um Corcovado pela encosta íngreme para chegar até a jovem.

Na última segunda (23), um drone operado por resgatistas chegou até a jovem, que estava imóvel e a 500 metros penhasco abaixo. Na retomada dos trabalhos, nesta terça, Juliana estava ainda mais abaixo, a cerca de 650 metros da trilha.

Natural de Niterói (RJ), Juliana era formada em Publicidade e Propaganda pela UFRJ e atuava como dançarina de pole dance. Desde fevereiro, ela fazia um mochilão pela Ásia e já havia visitado Filipinas, Vietnã e Tailândia antes de chegar

à Indonésia.

Na Ilha de Lombok, vizinha a Bali, fica o Monte Rinjani, vulcão ainda ativo que se eleva a 3.721 metros de altitude. Ao redor dele fica um lago. A paisagem atrai muitos turistas de aventura todos os anos, mas exige preparo, é necessário pernoitar no caminho, e fôlego, pois o ar em grande parte do percurso é rarefeito.

Em nota, o Ministério de Relações Exteriores do Brasil lamentou a morte de Juliana.

"O governo brasileiro comunica, com profundo pesar, a morte da turista brasileira Juliana Marins, que havia caído de um penhasco que circunda a trilha junto à cratera do Mount Rinjani (3.726 metros de altura), vulcão localizado a cerca de 1.200 km de Jacarta, na ilha de Lombok. Ao final de quatro dias de trabalho, dificultado pelas condições meteorológicas, de solo e de visibilidade adversas na região, equipes da Agência de Busca e Salvamento da Indonésia encontraram o corpo da turista brasileira.

A embaixada do Brasil em Jacarta mobilizou as autoridades locais, no mais alto nível, para a tarefa de resgate e vinha acompanhando os trabalhos de busca desde a noite de sexta-feira, quando foi informada da queda no Mount Rinjani.



Petrobrás suspende terceirizada que deixou trabalhadores sem salários



Flamengo, Palmeiras, Botafogo e Fluminense carimbam passaporte para as oitavas do Mundial de Clubes

Com o empate do Fluminense desta quarta-feira (25) pela Copa do Mundo de Clubes da FIFA, todos os representantes do futebol brasileiro no Mundial estão nas oitavas de final. Flamengo, Palmeiras, Botafogo e Fluminense garantiram o espaço no mata-mata e seguem como o país com mais representantes nesta fase do torneio.

Com invencibilidade confirmada na fase de grupos, o Flamengo confirmou a liderança do Grupo D e vai enfrentar o Bayern de Munique nas oitavas, no domingo (29), em Miami.

O Botafogo, foi o segundo colocado do Grupo B e conseguiu carimbar a vaga na última rodada. Na próxima fase, o time carioca vai encarar o Palmeiras, que terminou em primeiro no Grupo A.

O destino colocou os dois frente a frente nas oitavas de final, em confronto marcado para sábado (28), às 13h (de Brasília), na Filadélfia. Será o primeiro duelo entre clubes brasileiros no mata-mata da atual edição.

O Fluminense, último time brasileiro classificado, conseguiu um empate com o Mamelodi Sundowns e passou para o mata-mata. Com cinco pontos conquistados, o time de Renato Gaúcho enfrentará a Inter de Milão, que derrotou o River Plate por 2 a 0 na noite desta quarta.

Os clubes classificados para as oitavas de final já garantiram um quota de R\$ 41,9 milhões pela ida ao mata-mata. Se chegarem às quartas de final da competição, as equipes receberão cerca de R\$ 72 milhões. Vale lembrar que os times já receberam R\$ 83 milhões pela participação e cerca de R\$ 11 milhões a cada vitória.



Protesto em frente ao Terminal de Cabiúnas, no Norte Fluminense. Foto: FUP



Após 24 dias de mobilização, professores do DF garantem acordo e encerram greve

A greve dos profissionais da educação pública do Distrito Federal foi encerrada nesta quarta-feira (25), após assembleia geral da categoria decidir aceitar a proposta apresentada pelo Governo do Distrito Federal (GDF). A paralisação, iniciada no dia 2 de junho, durou 24 dias e foi marcada pela intransigência do governo Ibaneis Rocha, que se recusava a negociar.

O acordo foi formalizado com a mediação do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) e homologado pelo órgão. Entre os pontos centrais da proposta, estão o compromisso de reestruturação da carreira, realização de nomeações e concursos públicos, pagamento dos dias descontados durante a greve e a inclusão de novos direitos para profissionais em regime temporário.

“A greve mostrou, mais uma vez, a coragem e a disposição de luta desta categoria”, afirmou Márcia Gilda, diretora do Sindicato dos Professores do Distrito Federal

(Sinpro-DF). Segundo ela, o movimento forçou uma mudança de postura do Executivo: “O GDF judicializou o movimento, ameaçou corte de ponto, recusou-se a negociar. Mas nossa força e nossa determinação fizeram com que ele recuasse da posição do não diálogo”.

Com o encerramento da greve, a categoria permanece em estado de mobilização para acompanhar o cumprimento do acordo e seguir com os debates sobre a reestruturação da carreira. A recomposição das aulas deverá ocorrer até o fim de julho, com o recesso escolar previsto para a primeira semana de agosto.

Principais pontos do acordo:

Reestruturação da carreira: envio de projeto de lei à Câmara Legislativa do DF para dobrar os percentuais de titulação na progressão horizontal (10% para especialistas, 20% para mestres e 30% para doutores), com efeitos financeiros a partir de janeiro de 2026;

Nomeações: pelo menos 3 mil nomeações até

dezembro de 2025;

Concurso público: prorrogação do atual concurso (com vencimento em julho de 2025) e realização de novo certame com edital previsto para o primeiro semestre de 2026;

Direitos para temporários: concessão de direito a atestado de acompanhamento de cônjuge ou dependente em consultas médicas e exames;

Pagamento de dias parados: reposição integral dos salários descontados, com lançamento de folha suplementar até o pagamento de julho;

Reposição das aulas: recomposição do calendário escolar com aulas até o final de julho e recesso mantido para agosto;

Negociação permanente: criação de mesa de negociação permanente com mediação do TJDFT para tratar da reestruturação da carreira;

Homologação judicial: o acordo foi homologado pelo TJDFT, o que lhe dá caráter legal e obrigatório.

Petrobrás suspendeu contrato e assumiu pagamento dos salários, 50 dias atrasados

Após mais de 50 dias de atraso salarial, a Petrobrás assumiu o pagamento dos trabalhadores terceirizados da empresa LCD Engenharia, que atuam em diversas unidades da estatal pelo país. A medida foi resultado de pressão da Federação Única dos Petroleiros (FUP) e dos sindicatos, que vêm denunciando a grave situação enfrentada pelos trabalhadores e cobrando da Petrobrás uma solução imediata para garantir os direitos da categoria.

Nesta segunda-feira (23), trabalhadores da LCD realizaram um protesto em frente ao Terminal de Cabiúnas, no Norte Fluminense. Após a mobilização, representantes da Petrobrás, da empresa terceirizada e do Sindipetro-NF se reuniram e definiram que a estatal fará o pagamento dos salários diretamente aos trabalhadores.

Diante das denúncias e mobilizações, a Petrobrás informou, em nota divulgada no dia 17 de junho, que a LCD interrompeu a prestação de serviços e que estava sendo diligenciada para cumprir suas obrigações legais e contratuais. “A gestão da Petrobrás nos comunicou que a estatal fará os pagamentos diretamente aos trabalhadores, como tomadora de serviço, até que a situação da empresa contratada

seja resolvida”, afirmou o coordenador-geral da FUP, Deyvid Bacelar.

A LCD Engenharia tem contratos com a Petrobrás nas áreas de construção civil, montagem, caldearia e projetos em unidades nos estados do Espírito Santo, Norte Fluminense, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, entre outros.

A FUP destaca que essa não é uma situação isolada. Casos de atraso salarial, calote, precarização das condições de trabalho e aumento do risco de acidentes têm sido recorrentes entre os trabalhadores terceirizados do Sistema Petrobrás. No último fim de semana, um trabalhador contratado morreu em um acidente na Replan, a maior refinaria do país.

A Federação e os sindicatos cobram da direção da Petrobrás mudanças estruturais na política de contratação de prestadoras de serviço. Em fevereiro, as entidades participaram de uma reunião com gestores da empresa e subsidiárias, propondo melhorias como maior fiscalização dos contratos, garantia de condições dignas de trabalho, saúde, segurança e respeito aos direitos humanos.

A FUP reforça que é urgente que essas propostas saiam do papel e se tornem práticas concretas em defesa dos direitos e da vida dos trabalhadores.



Adiamento de regra sobre trabalho em feriados ameaça direitos, diz UGT

O presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT) e do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, Ricardo Patah, criticou o novo adiamento da Portaria nº 3.665/2023, que trata das regras para o trabalho em feriados no comércio. Segundo ele, a medida demonstra a contínua tentativa de setores empresariais de escapar de suas obrigações com os trabalhadores.

“Essa questão já deveria estar resolvida. Nós não queremos fechar o comércio aos feriados. O que pedimos é o básico: que o trabalho nesse período esteja previsto em Convenção Coletiva de Trabalho e que o trabalhador receba devidamente por isso”, afirmou Patah.

O Ministério do Trabalho e Emprego oficializou na quarta-feira (18) o adiamento da entrada em vigor da portaria, que agora só passará a valer em 1º de março de 2026. Desde que foi publicada, em novembro de 2023, a norma – que restabelece a exigência de negociação coletiva para o trabalho em feriados, conforme a Lei nº 10.101/2000 – já teve sua vigência adiada cinco vezes.

Patah vê o recuo como reflexo da pressão patronal para manter a

autorização unilateral, implantada no governo Bolsonaro por meio da Portaria nº 671/2021, que contrariava a legislação trabalhista. “Esses empresários fazem de tudo pra escapar do pagamento de qualquer benefício adicional aos trabalhadores. O adiamento da Portaria comprova isso”, criticou.

Embora a legislação preveja pagamento em dobro ou folga compensatória para quem trabalha em feriados, muitas empresas burlam a regra. Para o presidente da UGT, a resistência do empresário reforça a urgência de mudanças estruturais nas condições de trabalho do setor, incluindo o combate à escala 6x1. “Se depender dos patrões, o trabalhador não terá qualquer direito. O comerciante trabalha pra caramba, às vezes 11 horas por dia, de domingo a domingo. Mas quando chega o feriado, um dos únicos momentos em que ele pode ter algum benefício, o patrão se recusa a pagar o básico.”

Patah conclui com um apelo por mobilização social: “Só com a pressão da sociedade vamos conquistar avanços reais, como a redução da jornada sem perda salarial e o fim da 6x1.”



Maioria do consignado do CLT recai sobre trabalhador de menor renda

Mais de 60% das operações do Crédito do Trabalhador foram contratadas por pessoas com renda de até quatro salários mínimos, aponta balanço divulgado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) na última semana. Os dados mostram que a população de menor poder aquisitivo é a que mais recorre à nova modalidade de empréstimo consignado, voltada a trabalhadores com carteira assinada.

Entre os dias 21 de março e 9 de junho, esse grupo contratou cerca de R\$ 7 bilhões em crédito consignado, o equivalente a 62,61% do total liberado no período, que chegou a R\$ 14,6 bilhões. Trabalhadores que recebem entre quatro e oito salários mínimos foram responsáveis por 18,82% das operações (R\$ 3 bilhões), enquanto os que ganham mais de oito salários mínimos responderam por 18,57% (R\$ 4,4 bilhões).

A forte concentração de contratos entre a população de baixa renda acendeu o alerta de especialistas, que apontam para o risco crescente de endividamento nesse segmento, agravado pela ausência de controle sobre os juros. (Leia também: Endividamento e crédito consignado). De acordo com o próprio ministro do Trabalho, Luiz Marinho, algumas instituições financeiras estão aplicando taxas abusivas e poderão ser descredenciadas. Apesar da promessa de maior fiscalização, ainda não há um teto regulatório definido para

os juros, o que permite que os bancos operem com margens elevadas, impactando justamente os trabalhadores com menos condições de arcar com dívidas de longo prazo.

A posição contra um teto para os juros é defendida pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban), sob o argumento de que as taxas devem se ajustar naturalmente com o tempo. No entanto, sem uma regulação efetiva, cresce o risco de superendividamento, especialmente entre famílias que já vivem no limite do orçamento.

O problema se agrava com o desrespeito das instituições financeiras ao limite legal de comprometimento de renda. Segundo estudo da SalaryFits, empresa de tecnologia da Serasa Experian, 24% das famílias que contrataram o Crédito do Trabalhador já comprometem mais de 35% de seus salários com as parcelas, patamar máximo permitido por lei.

O aumento do comprometimento dos salários com as parcelas do empréstimo se soma à bola de neve das dívidas, que também não para de crescer. De acordo com a Confederação Nacional do Comércio (CNC), em abril, o endividamento das famílias avançou pelo terceiro mês consecutivo, chegando a 77,6%, junto com o aumento da inadimplência (29,1%) e do percentual de famílias que declararam não ter condições de pagar suas dívidas em atraso (12,4%).



Armadilha mortal: 51 assassinados por Israel na fila por alimento em Gaza



Colin Powell e sua farsa na ONU em 2003
EUA e Israel repetem farsa das 'armas de destruição em massa' para agredir Irã

SÉRGIO CRUZ

Manipularam a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) sobre uma suposta bomba atômica Iraniana, da mesma forma que fizeram com o ridículo vidrinho na ONU alegando ser arma mortal de Saddam Hussein

O ataque não provocado, perpetrado pela ditadura israelense à República do Irã, seguiu mesmo script da farsa das “armas de destruição em massa” do Iraque, inventada pelo Pentágono e aplaudida por Netanyahu, no início deste século. Assim como a “guerra” para destituir Saddam e se apoderar do petróleo de seu país se utilizou da mentira do ataque preventivo, agora também se usou a mesma narrativa falsa para agredir o Irã.

Refrescando a memória: Em 5 de fevereiro de 2003, enquanto os EUA se preparavam para invadir o Iraque, o secretário de Estado Colin Powell fez uma apresentação bombástica ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, alegando que Saddam estava desenvolvendo armas de destruição em massa (ADM). A arma biológica “antraz” poderia ser usada contra os vizinhos do Iraque ou os EUA por veículos aéreos não tripulados, afirmou Powell, segurando dramaticamente um pequeno frasco de vidro como prova.

MANIPULAÇÃO DA AIEA

Para a mentira atual, o governo dos EUA e Israel manipularam cinicamente a (AIEA) para que o órgão fabricasse um relatório afirmando que o Irã estaria prestes a fabricar uma bomba atômica. O professor Jeffrey Sachs da Columbia University (NYC) desmentiu categoricamente o relatório fabricado. “Tal alegação é infundada, uma vez que o Irã tem repetidamente proposto negociações justamente para eliminar a opção nuclear em troca do fim das sanções impostas pelos EUA há décadas”, diz ele.

“Desde 1992, Netanyahu e seus apoiadores têm afirmado que o Irã se tornaria uma potência nuclear ‘em poucos anos’. Em 1995, autoridades israelenses e seus aliados nos EUA apontavam um prazo de cinco anos. Em 2003, o Diretor de Inteligência Militar de Israel disse que o Irã teria a bomba nuclear ‘até o verão de 2004’. Em 2005, o chefe do Mossad disse que o Irã poderia construir a bomba em menos de três anos. Em 2012, Netanyahu afirmou na ONU que ‘faltavam apenas alguns meses, possivelmente semanas, para que eles tivessem urânio enriquecido suficiente para a primeira bomba’. E assim por diante”, denunciou Jeffrey Sachs.

Israel, portanto, mente descaradamente. É de se registrar também que o regime criminoso de Netanyahu se aproveita do fato de que as atenções do mundo estão voltadas para a sua provocação no Irã para seguir cometendo assassinatos em massa da população palestina. As populações famintas estão sendo fuziladas pela Gestapo israelense quando estão nas filas de comida nos alojamentos para onde foram deslocadas após os bombardeios israelenses. Gaza se transformou no maior campo de concentração do mundo. Eles estão cercados, sob bombas e sem comida e água. Um verdadeiro genocídio.

Apesar do comportamento aparentemente desconexo de Donald Trump, o governo dos EUA apoiou efetivamente os ataques israelenses, fornecendo inteligência e planejamento para Netanyahu. O jornalista investigativo Ben Norton denunciou a farsa de Donald Trump. “Cinicamente, ele usou as negociações nucleares com Teerã como cobertura, enquanto supervisionava a operação conjunta EUA-Israel”, denunciou o jornalista. Ele lembrou que “poucas horas depois de Israel atacar o Irã, Trump disse ao New York Post que havia aprovado o ataque de antemão”.

“Eu sempre soube a data”, disse Trump. “Porque eu sei tudo. Eu dei [ao Irã] 60 dias e eles não cumpriram. Hoje é dia 61”, acrescentou, referindo-se ao dia 13 de junho. Trump repetiu esses comentários em entrevista à Reuters: “Sabíamos de tudo”, afirmou, revelando que o governo dos EUA estava em constante comunicação com Israel. “Acho que tem sido excelente”, afirmou Trump sobre o ataque israelense ao Irã, em entrevista à ABC News.

“Enquanto as autoridades dos EUA se reúnem com seus colegas iranianos para discutir um novo acordo nuclear (depois que Trump rasgou unilateralmente o anterior), Washington e Tel Aviv planejavam secretamente a operação. Trump deu pessoalmente ao primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, luz verde para lançar os ataques”, prosseguiu Ben Norton, em seu artigo no site Geopolitical Economy Repor.

Trump age, aparentemente, com um tonto, mentindo e desmentindo seu apoio ao criminoso ataque de Israel à população do Irã, porque internamente a coisa não está nada boa para ele. No último domingo (15), numa reação que há muito tempo não se via nos EUA, cerca de 5 milhões de americanos foram às ruas em todo o país para protestar contra os desmandos e a arrogância de Trump.

Outro abacaxi que Trump está tendo que descascar é que sua base de seguidores do MAGA (Make America Great Again, ou «Tornar a América Grande Novamente») já está profundamente fragmentada e não quer a participação na agressão ao Irã. Os não sionistas que apoiam o MAGA são a esmagadora maioria nas bases do governo e estão contra o apoio de Trump a Israel.

Depois das surras tomadas no Vietnã e, mais recentemente, no Afeganistão, a população americana não quer nem ouvir falar em participação de seu país em uma nova guerra, ainda mais numa guerra em apoio a um genocida inescrupuloso como Benjamin Netanyahu. De nada está adiantando toda a repressão das milícias de Trump contra os protestos em defesa da população palestina. Pelo contrário, o que o governo tem conseguindo é enfurecer ainda mais a população contra seus desmandos.

O repúdio aos crimes hediondos do ditador israelense contra a população palestina não é só da população americana, principalmente de sua juventude, que não para de protestar, mas hoje ele se espalha pelo mundo todo.

Também no último domingo (15) ocorreu uma grande manifestação de protesto, a Marcha Mundial em Defesa da Palestina, contra o genocídio de Netanyahu em Gaza. Milhões de pessoas saíram às ruas em repúdio ao morticínio perpetrado pelo regime israelense à população palestina de Gaza. Os americanos não estão nada satisfeitos com a cumplicidade de Trump aos crimes do nazionismo israelense.



Funeral do palestino Reem Al Akras assassinado ao entrar na fila

Khalil, ativista solidário à Palestina, é solto após tentativa fascista de Trump de deportá-lo

Khalil volta a participar de manifestações contra o genocídio assim que é liberado e afirma sua determinação: “A luta está longe de terminar”. O ativista pró Palestina Mahmoud Khalil, de 30 anos, preso por três meses por se manifestar contra o genocídio em Gaza, foi solto finalmente por decisão do juiz distrital Michael Farbiarz, de Nova Jersey, que considerou que ele não representava risco de fuga ou ameaça à sua comunidade enquanto seu processo de imigração continuasse.

Estudante de pós-graduação na Universidade de Columbia e ativista pela causa palestina, Khalil prometeu continuar na luta contra o genocídio perpetrado por Israel. Mesmo em situação legal, com green card e casado com uma cidadã norte-americana, o governo Trump tentou deportá-lo, sequestrando-o para uma campo de concentração para imigrantes na Louisiana.

“LUTA CONTINUA”

“A luta está longe de terminar”, disse Khalil em uma coletiva de imprensa no aeroporto de Newark no sábado. “Continuo a defender os palestinos, os imigrantes que foram deixados para trás naquela instalação.” Ele segurava flores que lhe foram dadas por apoiadores e gritou “Palestina livre” ao prosseguir seu discurso.

Khalil deixou claro que, após sua liberação, iria batalhar contra “os chefes de corporações na Universidade de Columbia, que estão atualmente tentando expulsar 15 estudantes e espalhar penas de suspensão contra dezenas de outros alunos, afetando seu futuro, sua graduação e trabalho, só porque não têm medo de se posicionarem pela Palestina”.

Esses chefes de corporações no interior da universidade, acrescentou,



Khalil, no ato em Columbia, segurando cartaz

“estão dispostos a fazer de tudo para que as palavras ‘Palestina Livre!’ não seja pronunciadas dentro ou perto dela”.

“Mas enquanto estivermos por aqui, ‘Palestina Livre!’, declarou, seguido pela palavra de ordem entoada pelos presentes ao ato. Khalil seguiu denunciando a universidade de Columbia de tentar impedir o ato diante de suas portas “simplesmente para que não possamos lembrar-lhes de que eles financiam o morticínio em Gaza”.

“Eu não sou violento, mas um defensor dos direitos humanos”, concluiu.

DE VOLTA

Agora está de volta a Nova Iorque e reunido com sua família, amigos e apoiadores. Por estar preso, Khalil não pôde estar presente ao parto de seu primeiro filho e perdeu o seu primeiro Dia dos Pais com sua família.

Sua esposa, Noor, comemorou que “finalmente posso respirar aliviada e saber que Mahmoud está voltando para casa, para mim e para Deen, que nunca deveria ter sido separado de seu pai”.

“Nem se me ameacarem com detenção, mesmo que me matassem, eu ainda falaria pela Palestina novamente”, disse Khalil. “Só quero voltar e continuar o

Em ato falho, embaixadora dos EUA admite na ONU: “Israel espalha caos, terror e sofrimento”

O lapso expôs a embaixadora dos EUA, Dorothy Shea, que proferiu uma verdade que tentam esconder sob uma teia de gritantes mentiras, nas quais nem os americanos acreditam: o caos e o terror na região do Oriente Médio se chama Israel.

A representante dos Estados Unidos cometeu um ato falho na reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas nesta sexta-feira (20), ao trocar os nomes dos países e dizer que o governo israelense disseminou “caos, terror e sofrimento” no Oriente Médio, quando se manifestava sobre o confronto Israel-Irã.

“O governo de Israel também espalhou caos, terror e sofrimento por toda a região”, disse Dorothy Camille Shea em sua intervenção, quando a realidade dos 18 meses de genocídio em Gaza e do ataque, prevaleceu sobre o script ensaiado. Freud explica.

Flagrada, o jeito foi um remendo pior que o soneto, depois de balançar levemente



É, miss Dorothy, como diz o ditado, mentira tem perna curta

a cabeça: “O governo do Irã também espalhou caos, terror e sofrimento por toda a região”.

“Também o Irã?” E quem mais? Israel Estados Unidos, madame embaixadora, como sem querer admitiu?

A quer virou assunto nos corredores da ONU e viralizou nas redes sociais. “O maior de todos os atos falhos”, postou um comentarista iraniano. “As vezes a verdade escapole”, saboreou. Quanto à madame Shea,

Palestinos famintos são sistematicamente mortos na fila da comida – melhor dizendo, na fila por um saco de farinha – em Gaza pelas tropas fascistas israelenses

O número de 51 mortos, segundo a Al Jazeera, somado a outros 29 palestinos abatidos em outras circunstâncias, acrescenta 80 mortos ao genocídio que já superou a casa dos 56 mil, sem nenhum sinal de contenção da sanha assassina. Esse último morticínio foi o primeiro da história transmitido ao vivo para todo o mundo.

Desde que o regime genocida israelense baniu a distribuição de alimentos da Agência da ONU para a Assistência aos Refugiados (UNRWA) e a substituiu pela sua ‘Fundação Humanitária de Gaza’ (GHF, na sigla em inglês), escoltada por tropas israelenses e em meia dúzia de locais, depois de três meses sem entrar uma só grama de comida e fome generalizada, sob bloqueio israelense, já passam de 450 os mortos na fila da farinha e são 3.500 os feridos.

O fato levou o chefe da UNRWA, Lazarini, a chamar de “armadilha mortal” essa “ajuda” montada por Netanyahu.

A ONU se recusou a trabalhar com a GHF, acusando-a de priorizar objetivos militares israelenses sobre necessidades humanitárias, e a condenou pela “militarização” da ajuda. Desde que a GHF assumiu a distribuição de alimentos, o assassinato de palestinos famintos se tornou ocorrência praticamente diária.

UMA SANGUEIRA SÓ

O repórter Hani Mahmoud, da Al Jazeera, relatou a chacina de famintos na Cidade de Gaza. “As vítimas foram levadas para várias instalações de saúde, incluindo o Hospital al-Shifa [na Cidade de Gaza]”, disse ele. “A ala de emergência se transformou em uma sangueira só e muitos morreram esperando por atendimento médico.”

A Al Jazeera mostrou o menino Hamam al-Farani, sentado no Hospital Al Shifa com outros membros da família, enquanto o corpo de seu pai, Alaa, é preparado para o enterro.

Testemunhas disseram à Associated Press (AP) que as forças israelenses abriram fogo quando as pessoas se aproximavam dos caminhões de ajuda. “Foi um massacre”, disse Ahmed Halawa, relatando que tanques e drones dispararam “mesmo quando estávamos fugindo”. “Todos os dias, os palestinos enfrentam carnificina em suas

Racistas israelenses impedem a entrada de vizinhos árabes em abrigos anti-aéreos

Fechar a porta de abrigos, diante de palestinos israelenses, se tornou discriminação racista criminoso comum por estes dias. Árabes, moradores da cidade de Yaffa, informaram ao jornal Middle East Eye, que foram barrados por judeus israelenses à entrada do abrigo anti-aéreo localizado na rua onde moram.

São moradores da rua Yehuda Yamit, onde, de um lado, moram árabes e do outro lado da rua, judeus. A cidade de Yaffa, ao lado da qual os sionistas construíram Tel Aviv, é de população mista (árabes e judeus). Na Palestina, antes da Nakba (a expulsão de perto de 800 mil palestinos em 1948), Yaffa era uma cidade árabe com um próspero porto palestino e que sofreu uma enorme redução de população árabe, vindo a ser ocupada, em grande parte, por invasores judeus. Grande parte da população da cidade foi deslocada, sob terrorismo do nascente Israel, para o sul, para campos de refugiados em Gaza, hoje devastada pelo bombardeio do regime de apartheid que se instalou.

Os árabes vinham usando o abrigo de um prédio vizinho, uma vez que seu prédio antigo, de quatro andares, não o possuía. Desde o primeiro dia de bombardeio, eles sentiram que sua presença no abrigo não era bem-vinda pelos judeus vizinhos.

O morador árabe, Nasir Ktelat, de 63 anos com problemas de saúde, de um apartamento no quarto andar, do outro lado da rua do abrigo, disse que ele e outros moradores de seu prédio receberam permissão de entrar por um síndico que lhes forneceu o código para entrarem no abrigo.

Mas assinalou que quando eles entraram no abrigo no fim

tentativas de receber suprimentos da quantidade insuficiente de ajuda que chega a Gaza”, denunciou a organização humanitária Médicos Sem Fronteiras em um comunicado.

“Buscar comida não deve ser uma sentença de morte”, disse o Dr. Wafaa Abu Nemer, pediatra de MSF, após relatar ter visto “pessoas despedaçadas; é um desastre”.

Cenas semelhantes foram relatadas no Complexo Médico Nasser, em Khan Younis, após relatos de que o exército israelense alvejou pessoas que esperavam por comida na rua al-Tina. Em Rafah, no sul do enclave, foram 27 os requerentes de ajuda mortos a tiros pelos militares israelenses.

A Quds News Network, de Jerusalém Árabe, registrou que vítimas foram levadas até de carroças puxadas por animais após massacre israelense contra famintos perto do centro de distribuição da GHF em Al-Shakoush, a noroeste de Rafah. Na região central, imagens postadas no site de mídia social Instagram e verificadas pela agência Sanad da Al Jazeera mostraram corpos sendo levados para o Hospital al-Awda, no campo de refugiados de Nuseirat.

Fontes médicas relataram que pelo menos 25 pessoas foram mortas em um incidente na rua Salah al-Din, ao sul de Wadi Gaza, no centro de Gaza, de acordo com a agência de notícias Associated Press. Mais de 140 outras pessoas ficaram feridas, 62 delas gravemente.

GHF CÚPLICE

A Comissão Internacional de Juristas – uma ONG de direitos humanos de advogados e juizes proeminentes – juntou-se a outros 14 grupos para condenar a GHF e pedir “o fim das operações privadas de ajuda humanitária militarizada em Gaza”.

Philip Grant, diretor executivo da ONG TRIAL International, com sede em Genebra, disse que o modelo de entrega de ajuda militarizada e privatizada da GHF “viola os princípios humanitários fundamentais”.

A acrescentou que aqueles que permitiram ou lucraram com a GHF enfrentaram um “risco real de serem processados por cumplicidade em crimes de guerra, incluindo a transferência forçada de civis e a fome de civis como método de guerra”.

de semana, “estava claro que os judeus não ficaram felizes em nos ver”.

Já na segunda-feira, 16, quando as sirenes voltaram a soar, os árabes perceberam que o código de entrada no abrigo fora trocado. Segundo Ktelat, os vizinhos judeus lhes admitiram: “Tomamos a decisão de que não queremos que vocês venham e mudamos o código”.

Pela legislação brasileira, e de qualquer país civilizado, os judeus da rua Yamit cometeram dois crimes ao mesmo tempo: o primeiro é negar assistência a pessoas em risco de vida e o segundo, igualmente gravíssimo, é fazer isso por racismo assumido. “Esta é a nossa realidade e não algo novo para nós”, observou Ktelat.

A manifestação aberta de racismo criminoso na rua Yehuda Yamit se repetiu em outras localidades. A discriminação se faz presente para os palestinos que permaneceram em Israel, após a Nakba, se faz escancaradamente presente, como expõe a jornalista Aseel Mafarjeh, da rede Al Jazeera, “quando os mísseis iranianos começam a cair sobre Israel e as pessoas correm em busca de abrigo ao toque de sirenes ouvidas por todo o país”.

“Mas para parte dos palestinos, cidadãos de Israel”, descreve Aseel, “dois milhões de pessoas, ou cerca de 21% da população, têm as portas dos abrigos batidas no rosto, não pela força das explosões, mas pelos vizinhos e, supostamente cidadãos como os judeus israelenses”.

“A maioria destes palestinos vivem em cidades e aldeias dentro das fronteiras internacionalmente reconhecidas de Israel e se viram excluídos da infraestrutura de abrigos durante as últimas noites”, diz a jornalista.

Resistência do Irã a ataque de Trump pressiona EUA e Israel ao cessar-fogo



Ataque dos EUA ao Irã põe em risco a segurança e a paz, denuncia Guterres

Ataque dos EUA ao Irã ameaça o mundo com catástrofe, condena ONU

Assim que tomou conhecimento do ataque ordenado por Trump contra centrais nucleares do Irã, o secretário geral da ONU, António Guterres, condenou a agressão e alertou: “Há um grave risco de que este conflito saia do controle com catastróficas consequências para civis, para a região e o mundo”.

“Nesta hora perigosa, é crítico evitar uma espiral do caos”, acrescentou o secretário-geral da ONU.

Ao condenar diretamente o ataque de Trump ao Irã, Guterres enfatiza: “Estou gravemente alarmado pelo uso da força pelos Estados Unidos contra o Irã, hoje. Esta é uma perigosa escalada em uma região já no limite e uma direta ameaça à segurança e à paz mundial”.

Enquanto isso, Trump se manifesta na direção oposta vangloriando-se do criminoso bombardeio às usinas nucleares iranianas de Fordow, Natanz e Isfahan, como “sucesso espetacular” e, em pronunciamento incongruente, faz ameaças ao Irã: “Paz ou tragédia”. Quando o Irã acabara de enviar a Genebra para conversas com líderes da França, Alemanha e Inglaterra o seu ministro do Exterior, Abbas Araghchi, que se disse disposto a negociar direto com os EUA, exigindo apenas que Israel parasse de bombardear o país. E fora Israel que desencadeou a guerra com um ataque não provocado no dia 13.

Os ataques dos EUA a três instalações nucleares no Irã na madrugada deste domingo (22), representam “um ato bárbaro baseado na ‘lei da selva’ e violam o direito internacional”, denunciou a Organização de Energia Atômica do Irã. A agência iraniana lembrou que as instalações visadas (Fordow, Isfahan e Natanz) estão sob a supervisão contínua, com base no Acordo de Salvaguardas e no Tratado de Não Proliferação Nuclear.

“O Irã esperava um ataque a Fordo há várias noites. O local foi evacuado há algum tempo e não sofreu danos irreparáveis no ataque. Duas coisas são certas: primeiro, o conhecimento não pode ser bombardeado e, segundo, desta vez o apostador perderá”, revelou Mehdi Mohammadi, conselheiro estratégico do presidente do Parlamento iraniano.

“EUA entra na guerra contra o Irã”, estampou na manchete o jornal The New York Times. Apesar de o próprio Trump considerar “excelente” tal violação da lei internacional, o NYT mostrou-se cabreiro, acrescentando um título premonitório: “Com ataque militar que seus antecessores evitaram, Trump faz uma grande aposta”.

Leia a íntegra em www.horadopovo.com.br



“Não toquem em Cristina”: diz a multidão com a ex-presidente na Praça de Maio

Apoio a Cristina mobiliza 500 mil nas ruas de Buenos Aires

Convocados pelo Partido Justicialista (Peronista), por lideranças sindicais e dos movimentos sociais, 500 mil pessoas tomaram o centro de Buenos Aires, na tarde desta quarta-feira (18), em apoio à ex-presidente Cristina Kirchner repudiando a condenação do Supremo Tribunal Federal (STF), que prescreveu a candidatura da principal liderança oposicionista argentina e a condenou a seis anos de prisão domiciliar.

Nem mesmo os controles policiais montados para intimidar as massivas caravanas que se dirigiram à capital ou a guarda acompanhada por caminhões com canhões de água foram capazes de deter o entusiasmo e a determinação da população de defender a democracia e rechaçar políticas que matam de fome a população e retiram recursos da ciência, da educação e da saúde pública.

À medida que o protesto ganhava força, a líder opositora anunciou ter solicitado ao tribunal que a condenou a uma proibição de sair à varanda do apartamento para cumprimentar os seus apoiadores, o que tem feito constantemente. Há vários dias, a residência de Cristina, na esquina das ruas San José e Humberto Primo, no centro da capital, tornou-se um local de peregrinação da militância, que chega, canta e aplaude na expectativa de que a líder saia até a sacada.

“Viemos à missa e nos vamos”, relatou um homem ao jornal Página12. Anabel veio de Bolougne, na Grande Buenos Aires, e é a primeira vez que se aproxima do local. “Para mim, Cristina representa direitos, o bem-estar do povo”, declarou Anabel, para quem “o ódio a ela me fez amá-la, uma vez que se trata de uma perseguição política evidente”.

Leia mais no site do HP



Ministro do Exterior do Irã, Abbas Araghchi, agradece empenho das FFAA do país

Manifestantes em Nova Iorque, Washington e Los Angeles repudiam agressão dos EUA ao Irã

Milhares de pessoas foram às ruas de Nova Iorque, Washington, Los Angeles e outras cidades dos EUA para condenar o bombardeio do governo do presidente Donald Trump às instalações nucleares do Irã, em um dia nacional de protestos que destacou a crescente rejeição pública à escalada da guerra no Oriente Médio, agora com aberta adesão do agressor instalado na Casa Branca.

As manifestações deste domingo (22), coordenadas por organizações como a Coalizão ANSWER, o Partido para o Socialismo e a Libertação, e o Conselho Nacional Iraniano-Americano, aconteceram desde a Times Square, em Nova Iorque, até os portões da Casa Branca, em Washington D.C., passando por Los Angeles, Austin, Cincinnati, Chicago e Portland.

Tirem as mãos do Irã, dizem manifestantes diante da Casa Branca (AP/Indian Express)

Na capital federal norte-americana, manifestantes se reuniram sob o slogan “Tirem as mãos do Irã! Trump é um criminoso de guerra”, em um protesto que os organizadores qualificaram como resposta urgente ao que consideram “um crime de guerra absoluto” que viola tanto a Carta das Nações Unidas quanto a Constituição dos EUA.

Os manifestantes denunciaram a ação militar de Trump como “ameaça de desencadear uma guerra regional ou mesmo global com muitas baixas, radiação nuclear e consequências catastróficas”, alertando sobre os riscos de uma escalada sem precedentes na região, sendo particularmente críticos com as contradições entre as promessas de campanha de Trump e suas ações reais. “Mentiu durante a campanha quando disse que acabaria com as ‘guerras eternas’ e traria a paz”, assinalaram em uma declaração conjunta.

Traçando paralelos com a invasão do Iraque em 2003, os organizadores afirmaram que Trump “não é diferente de George W. Bush, que mentiu sobre ‘armas



Nova Iorque contra o bombardeio de Trump ao Irã



Protesto em Los Angeles: “Não à guerra no Irã”



Washington, junto à Casa Branca: ‘Tirem as mãos do Irã’

de destruição em massa”, referindo-se às falsas justificativas usadas para iniciar aquela guerra criminosa contra o soberano país árabe.

Essa comparação histórica repercutiu especialmente entre os manifestantes, que relembraram as consequências devastadoras de déca-

das de intervenções militares dos EUA no Oriente Médio.

Os organizadores declararam que os protestos de domingo representam apenas o começo de uma campanha de resistência civil contra qualquer nova escalada do conflito, em claro desafio às políticas de guerra do governo Trump.

No décimo teste, foguete da SpaceX de Musk insiste em explodir

O foguete Super Heavy e a nave Starship, da SpaceX de Elon Musk, explodiram na noite desta quarta-feira (18), durante a preparação para o seu décimo voo teste na base de Boca Chica, no Estado do Texas (EUA), reeditando os fogos de artifício no céu presenciados nos testes mais recentes do que pretende vir a ser o transportador para as viagens à Lua e a Marte.

A detonação ocorreu por volta das 23h no horário local (1h da madrugada de quinta-feira, 19, no horário de Brasília). Na primeira manifestação pública de Musk sobre a nova explosão, ele a atribuiu a “uma falha no armazenamento de nitrogênio”, o que seria sem precedentes.

“Se uma investigação mais aprofundada confirmar que foi isso que aconteceu, é a primeira vez que isso acontece com esse projeto”, ele postou em sua conta na sua própria plataforma, a X.

O teste desta quarta-feira decorreu, como habitualmente, com transmissão ao vivo, feita pela NASASpaceflight, uma empresa independente de comunicação espacial que tem câmaras no complexo da SpaceX. As imagens mostram

o momento da explosão, tão intensa que, a dada altura, a imagem fica completamente branca. Depois, deflagraram as chamas que continuaram madrugada a dentro.

Segundo mensagem das autoridades locais, via Facebook, “durante um teste estático de rotina na Starbase, Texas, o Starship 36 da SpaceX sofreu uma falha catastrófica e explodiu”.

Esta explosão é a quarta só neste ano e, de dez testes desde abril de 2023, só um atendeu plenamente as expectativas e dois, parcialmente; nos demais, “Kabum!”

“Uma grande anomalia”, asseverou em comunicado a SpaceX, acrescentando que não houve feridos – o voo não era tripulado.

A temporada dos fogos de artifício foi inaugurada em abril de 2023, com a Starship explodindo quando ainda estava acoplada ao Super Heavy em Boca Chica, no primeiro teste.

Segundo a SpaceX, uma falha nos motores fez a empresa “ativar um sistema de destruição” para explodir

o foguete. Posteriormente, a empresa identificou a necessidade de “17 correções”.

No segundo teste, uma certa melhora: o Super Heavy explodiu em novembro de 2023, mas logo depois de se separar da nave.

O terceiro voo aconteceu em março de 2024 e durou 50 minutos. A Starship foi destruída – ou seja, explodiu –, mas a empresa considerou esse teste “um avanço” porque nunca tinha ido “tão longe” neste tipo de missão.

O teste de junho de 2025, o quarto, foi o primeiro bem sucedido, com a Starship pousando no Oceano Índico e o Super Heavy, no Golfo do México, como planejado.

Na quinta missão, em outubro de 2024, a empresa conseguiu o retorno inédito do Super Heavy com a captura no ar pelos “braços da plataforma”, enquanto a Starship pousou no Oceano Índico. Aliás, não foi propriamente um “pouso”, pois explodiu. Mas, segundo a SpaceX – não contavam com a nossa astúcia – esse era exatamente o plano. Leia mais nos do HP

Telefonema de Trump ordenando a Netanyahu que parasse de bombardear o Irã aconteceu poucas horas após o ataque iraniano com mísseis contra a base norte-americana de Al Udeid, no Catar

As agências de notícias do Irã e de Israel começaram a noticiar no meio da madrugada deste dia 24 (hora local), que o bombardeio israelense contra Teerã havia cessado e que, em contrapartida, as sarivadas de mísseis iranianos – suplantando a “Peneira do Dome” – contra bases, refinaria de Haifa, centros de pesquisa a serviço do regime de apartheid de Israel e bairros israelenses, também foram suspensas.

MENTIRA DE TRUMP

Trump ainda mentiu ao tentar esconder a difícil situação em que se meteu, dizendo que a decisão de pressionar Netanyahu ao cessar-fogo não fora fruto da dissuasão militar empreendida pelo Irã no Catar, e que, simplesmente “Irã e Israel haviam chegado a um acordo”.

O presidente estadunidense já reagira à pressão em casa, com manifestações por todo o país, declarações de deputados quanto à ilegalidade do ataque ao Irã sem autorização do Congresso e paúra das corporações norte-americanas diante da possibilidade do fechamento do estreito de Ormuz pela força iraniana, o que ameaçava fazer disparar o preço do barril de petróleo, tanto assim que se dirigira aos países do Golfo, exportadores de petróleo que não aumentassem o preço do combustível.

Trump tentou jogar uma cortina de fumaça sobre a rendição americana -israelense, em postagem confusa dizendo que o cessar-fogo estaria “completo” com o Irã parando de atirar em 12 horas e Israel pararia em 24 horas, o que acabou acontecendo de forma bem diferente.

A declaração de Trump também ocorre pouco depois de encontro do ministro Araghchi com Vladimir Putin, em Moscou, quando o presidente russo classificou de “inquebrantável” a aliança da Federação da Rússia com o Irã.

Putin denunciou o ataque norte-americano ao Irã de “agressão injustificada” e declarou que “a Rússia está se esforçando para ajudar os iranianos”.

A declaração veio junto com a afirmação do vice-ministro de Exterior da Rússia, Sergei Ryabkov, de que a “retaliação do Irã é absolutamente legítima”. Na ocasião, o chanceler do Irã ressaltou que os contatos com Moscou se tornaram frequentes.

“O Irã está agindo dentro da estrutura do Direito Internacional”, acrescentou Ryabkov.

Essa cadeia de acontecimentos coloca em cheque a empáfia de Trump, que vinha exigindo do Irã uma “rendição incondicional” e assumindo a estupidez de intervenção com “mudança de regime” e, após levar bombas na cabeça, tem, como se diz no popular, botar o rabo entre as pernas, ou situação mais vexaminosa.

Coube ao ministro do Exterior do Irã, Abbas Araghchi, botar os pingos nos ii.

Segundo ele, em primeiro lugar “não houve acordo”, disse o ministro.

O Irã apenas colocou em prática o que vinha afirmando há algum tempo, de que estava disposto a suspender os devastadores ataques retaliatórios ao longo de Israel apenas se Israel parasse de atacar o Irã. O ministro também vinha salientando que só sentaria na mesa de negociações desde que Israel parasse com seu bombardeio não provocado contra o país persa.

Netanyahu tentou desesperadamente arrastar Trump para o confronto dizendo que “sem os EUA, Israel não tem como continuar sozinho”.

Trump chegou a bombardear, como amplamente sabido, três usinas nucleares iranianas (Natanz, Fordow e Isfahan) e, apesar de bravatear que acabara com o programa nuclear iraniano, especialistas e governo iraniano asseguram que o essencial, especialmente as centrífugas de Fordow, permanecem intactas.

O aiatolá Ali Kamenei já vinha alertando os Estados Unidos de que um ataque ao Irã lhe traria “consequências irreparáveis” e a Guarda Revolucionária do Irã nominou as bases ao alcance de seus mísseis, espalhadas pelo Iraque, Catar, Bahrein, Arábia Saudita e outros países do Golfo, deixando expostos a voltarem pra casa em sacos plásticos 50.000 soldados americanos.

Vejam os declarações do ministro Araghchi:

“Como temos reiterado em múltiplas ocasiões, foi o regime sionista que iniciou esta guerra, não nós”, esclareceu Araghchi, segundo reportagem do portal Hispan TV.

Em sua postagem no X, na madrugada desta terça-feira, dia 24, o ministro enfatizou que “Neste momento não existe nenhum acordo em matéria de cessar-fogo ou suspensão de operações”.

“Não obstante, se o regime israelense detém sua agressão ilegal contra o povo iraniano, antes das 4:00 desta madrugada, não temos intenção de continuar com nossa resposta”.

Israel anunciou que cessaria o bombardeio e, de fato, suspendeu a ação militar perto das 4:00 da madrugada desta terça-feira, não sem antes levar uma última trauletada com mísseis iranianos atingindo ponto na cidade de Beer Sheva.

O chanceler destaca que “qualquer decisão definitiva a respeito da suspensão de operações militares por nossa parte será tomada em seu devido momento”, deixando claro que Teerã se reserva o direito a replicar sempre que haja futuras provocações”.

Em tom vitorioso, Araghchi agradeceu às Forças Armadas iranianas: “Junto de todos os iranianos, agradeço às nossas bravas Forças Armadas, que permanecem prontas para defender nosso querido país até a última gota de sangue e que responderam a qualquer ataque do inimigo até o último minuto”.



Míssil iraniano arruina centro tecnológico-militar de Israel

As lutas de classes no Brasil: pequeno resumo

É no confronto entre si, e nas alianças e nos compromissos que estabeleceram e estabelecem contra determinados inimigos para alcançar determinados objetivos, que essas classes se definiram e se definem – desde a descoberta do país, em 1500

CARLOS LOPES

As classes, frações e segmentos de classe, em nosso país, constituem a própria História do Brasil – o que não é uma novidade, teórica ou prática, considerando o mundo, isto é, a história dos outros países nos quais isso também é verdade.

Podemos dizer, como já se disse nesses outros países, que a nossa história é a história da luta de classes em nosso país.

É no confronto entre si, e nas alianças e nos compromissos que estabeleceram e estabelecem contra determinados inimigos para alcançar determinados objetivos, que essas classes se definiram e se definem – desde a descoberta do país, em 1500.

Então, o que existe de original, de específico, em nossa história, ou seja, o que existe de particular no desdobramento da luta de classes em nosso país?

As relações **capitalistas** no Brasil passaram a se generalizar na segunda metade do século XIX. O período corresponde à decadência do escravismo, assinalada dramaticamente pela crise bancária de 1866, conhecida como “Crise do Souto”, em razão do seu epicentro financeiro, a Casa Souto, banco do português Antônio José Alves Souto, aquinhoado por D. Pedro II com um daqueles títulos de fãncaria em que o Império foi pródigo.

A Crise do Souto, que afetou profundamente o sistema bancário do país, foi, como observou Mauá, sobretudo uma crise da economia **escravista**.

Mas ela não varreu o escravismo, que permaneceu através da Guerra do Paraguai – e depois. Apesar da crise – e da guerra – a economia escravista seria suficientemente poderosa para sufocar outras iniciativas econômicas, como demonstra a falência do próprio Mauá, em 1875.

A sociedade brasileira se constituía, a princípio, em sua fase colonial, através do que alguns historiadores chamaram “transplantação”. Em suma, somente os indígenas eram originários do nosso território. Os brancos vieram de fora e os negros foram caçados na África e trazidos para cá em navios negreiros.

Assim, a força de trabalho que construiu o país, tanto na cultura da cana – em virtude do monopólio do açúcar – quanto na mineração, quanto em outras atividades econômicas, foi principalmente escrava, negra e indígena.

No entanto, é necessário especificar que não teria sido possível a constituição de uma sociedade no Brasil colonial se os elementos formadores da nacionalidade não se miscigenassem. Daí, especialmente, a característica mestiça e colorida do povo brasileiro – ou seja, a característica mestiça e colorida, em geral, das próprias classes sociais brasileiras.

Nesse contexto, datam da primeira época da construção de nosso país os episódios – principalmente durante as invasões holandesas (1624-1654) – que ficaram conhecidos como “nativismo”. Trata-se do surgimento, ainda que embrionário, dos primeiros indícios do sentimento nacional. Não por acaso, a memória dessa época é a de uma união de brancos, negros e indígenas contra o invasor estrangeiro. Havia, portanto, um

início, ainda que algo confuso, do instinto **de classe**, ainda que se misturassem, muitas vezes, no sentimento nativista, proprietários e não proprietários. Mas é verdade – e isso, aqui, é o mais importante – que o inimigo, o estrangeiro, era visto quase como **outra** classe.

Em especial a obra do poeta Gregório de Mattos (1636-1696), por sua linguagem, sua estética e sua temática, é muito esclarecedora desse aspecto – e, inclusive, sobre a diferenciação progressiva entre brasileiros e portugueses.

Entretanto, os acontecimentos após a expulsão dos holandeses, e a restauração do trono lusitano, até então – após o desaparecimento de D. Sebastião – ocupado pelos castelhanos (1580-1640), estabeleceram um terrível monopólio colonial sobre o Brasil.

Este monopólio da então metrópole entrou em crise a partir do século XVIII, *pari passu* com a revolução industrial na Inglaterra e outros países europeus.

Daí as revoltas brasileiras contra o domínio português: a de Filipe dos Santos (1720), a Inconfidência Mineira (1789), a Conjuração Baiana (1798), a Revolução Pernambucana (1817) – esta última já durante o período do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, decretado em 1815.

A transmigração da família real, durante as guerras napoleônicas, em 1808, realmente conferiu um perfil particular ao desenvolvimento histórico brasileiro.

Ela permitiu que a Independência do Brasil ocorresse sob o governo do próprio herdeiro lusitano.

Mas isso também desatou uma luta de classes que se ocultava como uma luta de nacionalidades: brasileiros contra portugueses, com pouca distinção dentro de cada um desses grupos.

Esta foi a origem da abdicção de D. Pedro I, com a revolta dos brasileiros contra os portugueses (que haviam, com a Constituição outorgada pelo imperador, português de origem, recebido cidadania autóctone).

A Regência, que se estendeu de 1831 a 1840, foi um período de luta de classes intensa, com revoltas em várias partes do país.

Mas a Maioridade (1840), que consolidou a Independência, significou também a hegemonia dos senhores de terras e de escravos. Daí, a monarquia que foi mantida – contra o quase republicanismo do período regencial – exatamente como instrumento político dos senhores de terras e de escravos.

O que significou a manutenção do latifúndio agrícola e do escravismo.

O fim do tráfico negreiro, ilegal “para inglês ver” desde 1830, mas **efetivamente** proibido somente em 1850, tornou inviável a continuidade, por muito mais tempo, do escravismo – e a crise de 1866 foi disso uma demonstração cabal.

É neste momento, sobretudo após a Guerra do Paraguai, que irrompe a principal luta de classes da nossa história até então: o Abolicionismo e a luta pela derrubada da monarquia, isto é, pela República.

O Manifesto Republicano foi publicado em 1870, ano do término da Guerra do Paraguai – e a convenção republicana de Itu foi em 1873.



A segunda Batalha dos Guararapes, quadro de Víctor Meirelles (1989)

Enquanto isso, o abolicionismo tomava o país – inclusive ganhando adesões além dos republicanos, como foi o caso de monarquistas como Joaquim Nabuco e André Rebouças.

Mas é verdade que os republicanos, independente da posição oficial de seu partido, eram, quase todos, abolicionistas. Até Campos Sales se declarou abolicionista, segundo relato de Silva Jardim, bem antes de 1888.

O fato é que a decadência da monarquia e da escravidão se tornou patente a partir da década de 60 do século XIX – a tal ponto que, muito antes de 1888 e 1889, tanto o escravismo quanto o Império constituíam **trambolhos** visíveis e evidentes, a obstar o nosso desenvolvimento.

Notemos que, além dos senhores de terras e escravos, e dos escravos, havia no país toda uma classe de industriais progressistas – em geral, abolicionistas – e uma classe média representada, sobretudo, pelos militares.

A derrubada da monarquia – um ano após a frente ampla abolicionista impor ao regime monárquico o fim da escravidão – foi resultado da aliança entre os setores industriais, os donos de terra já livres, na maior parte, da escravidão, e a classe média militar.

Os dois primeiros mandatos presidenciais – os de Deodoro, e, sobretudo, Floriano – sacudiram o país com a luta pela industrialização nacional.

Entretanto, os donos de terra – principalmente produtores de café, então a mercadoria mais importante do país – tomaram o poder com Prudente de Moraes e Campos Sales.

Apesar da República Velha ser um período convulso da História do Brasil, em especial pelas revoltas tenentistas, foi somente em 1930 que o país levantou-se para implementar um Projeto Nacional de Desenvolvimento.

Nesse ínterim, a classe operária brasileira, através de greves, manifestações sindicais, e, principalmente, com a fundação, em 1922, do Partido Comunista do Brasil, adquiria maturidade inédita em nossa história – e isso seria um componente decisivo nas décadas seguintes.

Ao mesmo tempo, as revoltas tenentistas são a maior prova de que os ideais da classe média que fundou a República – aquilo que se chamou, na sua época, “florianismo”, em especial a industrialização – permaneciam vivos, ainda que, por pouco, quase lançados no submundo da política e da sociedade.

Em 1930, com apoio da classe operária, esses setores estabeleceram uma aliança com os dissidentes da oligarquia e com a burguesia industrial.

Assim, caiu a República Velha, isto é, o regime ditatorial

da oligarquia cafeeira.

A melhor síntese do que ocorreu, assim como a relação do presente com o nosso passado, foi escrita, em 2001, por Haroldo Lima:

“A Nação brasileira forjou-se em período relativamente recente, na luta contra a dominação colonial portuguesa. Seus ideais de autonomia e liberdade firmaram-se em três movimentos marcantes de nossa história: a independência nacional, a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República. Anseios nacionais e democráticos, até radicalizados, estiveram presentes em todos esses movimentos, mas não predominaram. Em decorrência disso, a subordinação do país aos interesses externos nunca deixou de existir; mudou de formas, não de essência.

“Foi a Revolução de 1930, a despeito de limitações e de posições antidemocráticas que assumiu, que lançou as bases de um Projeto Nacional no Brasil.

“No período de 1930 a 1954, marcado pela figura do presidente Vargas, implantaram-se os primeiros órgãos e empresas de um Estado nacional brasileiro, o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), em 1938; o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, em 1939; a Companhia Siderúrgica Nacional, em 1940; a Companhia Vale do Rio Doce, em 1942; a Companhia Nacional de Alcalis, em 1943; a Fábrica Nacional de Motores, em 1943; a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, em 1945; e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, em 1952; a Petrobrás, em 1953; a Eletrobrás, em 1954.

“A formação da inteligência brasileira também deu seus primeiros significativos passos nesse período com a criação, com muito atraso, das duas universidades basilares de nossa história: a Universidade de São Paulo, em 1934, e a Universidade do Distrito Federal, em 1935, no Rio de Janeiro. Fundam-se ainda, aí, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a CAPES, o Conselho Nacional de Pesquisas, o CNPq, o Centro Técnico da Aeronáutica, CTA, tudo em 1947, e o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o ITA, em 1950.

“Foi com base nesse laudo orgânico, econômico e educacional que se pôs em prática no país uma política de substituição de importações, com o que se iniciou o longo período em que o desenvolvimento brasileiro foi dos maiores do mundo” (Haroldo Lima, **Informe especial sobre a desnacionalização**, 10º Congresso do PCdoB, 2001, pp. 151-152).

Esse longo período de desenvolvimento do Brasil seria baseado na aliança entre os trabalhadores, o empresariado

nacional e o Estado Nacional – contra, fundamentalmente, o capital financeiro imperialista.

Não é necessário, diante disso, explicar o vendaval que varreu o país – e que levou o presidente Getúlio à morte – até 1954. O próprio conteúdo da política econômica, e da aliança de classes que a sustentou, é capaz de explicá-lo.

Os anos seguintes seriam o da reversão dessa política, de desmonte dessa aliança, e da instalação do capital estrangeiro, principalmente através da indústria automobilística (mas não somente), como o principal setor da economia do país.

No governo Juscelino, os traços gerais daquilo que, na época da ditadura, chamou-se “modelo brasileiro” ou “milagre brasileiro”, já foram estabelecidos.

Mas é evidente que esses “traços gerais” estavam em contradição com o próprio país, isto é, com o seu povo, com a Nação, com o seu desenvolvimento, portanto, com a democracia. Daí, a renúncia de Jânio, as atribuições do período Jango, e, finalmente, o golpe de 1964 com a consequente ditadura, durante 21 anos.

A tentativa inicial da ditadura foi exterminar a aliança nacional-desenvolvimentista (isto é, entre os trabalhadores, o empresariado nacional e o Estado nacional). O problema é que isso resultou em uma catástrofe: o espaço ocupado pelas empresas nacionais, que foram falidas pela política do governo, não foi ocupado pelas multinacionais, ao mesmo tempo que o mercado interno era achatado pelo arrocho salarial sobre os trabalhadores.

Assim, a partir do governo Médici/Delfim Netto, estabeleceu-se uma outra aliança de classes: aquela entre o capital estrangeiro, o capital nacional e o Estado – que não podemos mais chamar de “nacional” – contra a classe operária brasileira e os demais trabalhadores.

A classe operária, portanto, foi excluída da aliança, pois o objetivo da ditadura – e dessa aliança – foi (e ainda é) o aumento da exploração sobre os trabalhadores. O arrocho salarial foi – e ainda é – a sua marca distintiva.

A melhor demonstração disso é que foram as greves de 1978-1980 que detonaram o fim da ditadura. O próprio movimento das “Diretas Já” não teria sido possível sem a eclosão anterior das greves operárias. Aliás, até hoje, ao longo de inúmeras vicissitudes, temos na Presidência da República um representante daquele movimento de insubmissão diante da ditadura.

Mas o modelo econômico da ditadura – com sua espúria base de classes – não foi destruído com a derrubada do regime. Por

um breve momento, durante a Constituinte, que elaborou a Constituição de 1988, quase conseguimos voltar aos trilhos do nacional-desenvolvimentismo. Infelizmente, o modelo da ditadura foi restaurado, após os acontecimentos que convulsionaram a União Soviética e o Leste Europeu.

Foi em cima, ainda, do modelo econômico implantado pela ditadura – arrocho salarial, concentração de renda, favorecimento ao capital estrangeiro, prioridade ao mercado externo – que o neoliberalismo se implantou, sobretudo a partir do governo Collor, mas já desde a gestão Maílson da Nóbrega no Ministério da Fazenda, no governo Sarney, e, depois, no governo Fernando Henrique.

Resta dizer, sobre esse modelo, prevalectente, para nossa infelicidade, até hoje, que a burguesia nacional – a burguesia industrial brasileira – perdeu significação, relativamente à época do nacional-desenvolvimentismo.

Quanto aos trabalhadores, a precarização do trabalho (trabalho por aplicativos, “uberização”, etc.) atingiu ainda mais os salários, as condições de vida e trabalho.

Forçosamente, temos de apontar que a ofensiva contra a organização sindical dos trabalhadores (a chamada “reforma trabalhista”) e contra as aposentadorias (a chamada “reforma da Previdência”), tornou ainda mais precária a situação da classe operária.

Quanto à burguesia, sua fração rentista, parasitária, adquireu um peso extraordinário, às custas do dinheiro público – isto é, dos colossais juros da dívida pública. Trata-se de um segmento com ramificação direta com os monopólios financeiros do exterior, que, essencialmente, não produz, apenas suga o trabalho do povo, como os vampiros da lenda sugavam o sangue das pessoas normais. Também ao modo do conde Drácula, são mortos-vivos que têm de estrangular o Estado, o Tesouro e o povo, mas apenas para manter sua opulenta condição de mortos-vivos.

O que não quer dizer que o setor produtivo da burguesia – estamos nos referindo à burguesia nacional – tenha deixado de existir. Várias manifestações, nos últimos tempos, principalmente dentro de entidades empresariais, têm demonstrado que esse setor continua vivo e atuante.

Este último setor é aquele com que a classe operária tem condições de aliar-se em um Projeto Nacional de Desenvolvimento – o que significa, embora em novas bases técnicas, voltar aos trilhos do nacional-desenvolvimentismo.